



## João Rodrigues Colaço

**Município de Natal-RN**  
**João Rodrigues Colaço**  
Capitão-mar  
Governante

**1º (primeiro) governante da Capitania do Rio Grande do Norte**

**JOÃO RODRIGUES COLAÇO** = De 1660 a 1603

Foi nomeado primeiro Capitão-mor da Capitania do Rio Grande por alvará de 18 de janeiro de 1600, conforme registro no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Chancelaria de D. Filipe II, L. 8, fl. 297.

1600 (**Unico Mandato**) 1603

Sucedido por [Jerônimo de Albuquerque Maranhão](#)

**João Rodrigues Colaço** - Primeiro sesmeiro na Capitania do Rio Grande, Capitão-mar. João Rodrigues Colaço (Século XVI, XVII)

**João Rodrigues Colaço** - Nasceu em Pernambuco e veio para esta capitania em fins do século XVI: *Não fez parte da jornada de Mascarenhas Homem. Ou já estava no Rio Grande, o que é pouco provável ou teria chegado logo depois* (GALVÃO, p. 42). Foi nomeado primeiro Capitão-mor da Capitania do Rio Grande por alvará de 18 de janeiro de 1600, conforme registro no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Chancelaria de D. Filipe II, L. 8, fl. 297. Informações contidas na Relação de Ambrósio de Siqueira (1605), no entanto, permitem supor que tenha assumido tal cargo já em 24 de julho de 1598 (MEDEIROS Filho, p. 14), quando nessa data assumira apenas as funções de Capitão da Fortaleza (então ainda sendo erguida), posto que não existia, de fato, um território a administrar: (...) *Mascarenhas trouxera da Bahia instruções para dar-lhe posse no cargo de capitão da Fortaleza. Apenas do estabelecimento militar, pois a capitania não tinha ainda nenhuma expressão política e a Fortaleza, somente em defesa, reunia todo o conjunto da administração* (op. cit., p. 39). Coube a Jerônimo de Albuquerque o trato de assuntos políticos, notadamente visando a promoção da paz com os nativos: *Esteve realmente Jerônimo de Albuquerque, nesse tempo, no Rio Grande mas não na qualidade de capitão-mor e sim a fomentar amizades com os morubixabas, o Diabo Grande por exemplo, e a preparar e a juntar os índios a mandado de Gaspar de Souza*, conclui o BARÃO DE STUDART, citado por HÉLIO GALVÃO (1999, p. 40). Antes de sua vinda Colaço capitaniara a transferência de uma Companhia de Recife para a Bahia (entre agosto de 1595 e março de 1596). Aqui, fez várias concessões de sesmarias, entendendo, em conformidade com o discurso da Metrópole, que o povoamento e o cultivo da terra eram fundamentais à consolidação da conquista, tendo sido ele próprio beneficiário de 800 braças, ao longo do Rio Potengi, que lhe foram doadas por Mascarenhas Homem em 9 de janeiro de 1600 (foi ele o primeiro sesmeiro nesta Capitania). Solicitara 2.600 braças, justificando para tal haver comprado escravos da Guiné e ter o propósito de desenvolver umas roças, cujos trabalhos já haviam sido iniciados sob a vigilância de um feitor. Ao passar o governo ao sucessor, Jerônimo de Albuquerque, voltou a Lisboa e não se sabe de presença sua posterior no Brasil.

**FONTES:**

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **História do Rio Grande do Norte**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto / Ed. Achiamé, 1983.

**Governo do Rio Grande do Norte**, 2º vol. Mossoró: Coleção Mossoroense, série "C", vol. DXXXI, 1989.

GALVÃO, Hélio. **História da Fortaleza da Barra do Rio Grande**, 2ª edição. Natal: Fundação Hélio Galvão / Scriptorim Candinha Bezerra, 1999.

MEDEIROS Filho, Olavo de. **Terra Natalense**. Natal: Fundação José Augusto, 1991

**COLAÇO, João Rodrigues** - Natural de Pernambuco, casado com d. Beatriz de Menezes, assumiu a Capitania do Rio Grande a 24 de julho de 1598, segundo afirma Olavo Medeiros Filho (Terra Natalense, p. 14), baseado em informações contidas na Relação de Ambrósio de Siqueira (1605). Outros historiadores, porém, abordam a questão de forma diversa, às vezes até obscura mencionando outras fontes. Antes, Colaço capitaniara a transferência de uma Companhia de Recife para a Bahia (entre agosto de 1595 e março de 1596). Aqui, fez várias concessões de sesmarias, entendendo - conforme o discurso da Metrópole - que o povoamento e o cultivo da terra eram fundamentais à consolidação da conquista, tendo sido ele próprio beneficiário de 800 braças, ao longo do Rio Potengi, que lhe foram doadas por Mascarenhas Homem a 9 de janeiro de 1600 (em sua solicitação dissera haver comprado escravos da Guiné e ter o propósito de fazer umas "roças", cujos trabalhos já se iniciara sob a vigilância de um feitor). Em 1603 D. Felipe II nomeia Jerônimo de Albuquerque para governar a Capitania (Jerônimo só assumiria o cargo a 8 de agosto daquele ano por encontrar-se em Lisboa à época de sua nomeação). Diz Pedro Moura, após aludir a passagem de Colaço por esta Capitania: (...) *voltando à Lisboa, logo depois de passar o governo, não se conhece presença sua posterior no Brasil* (Fatos da História do Rio Grande do Norte, p. 76).

**Fonte:**

**Personalidades Históricas do Rio Grande do Norte (séc. XVI a XIX)**, Coordenação e redação Tarcisio Rosas. Natal: Fundação José Augusto - Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine-CEPEJUL, 1999. Pág. 25.

**João Rodrigues Colaço** foi o segundo capitão-mor e o primeiro mandatário da Capitania e o primeiro sesmeiro. Na administração, concedeu terras ao longo do rio Curimataú, para o sul, e pouco mais de duas léguas para o norte de Natal. Era essa, a região *conhecida*. No seu tempo um degredado pelo Bispo de

Leiria veio com a sentença de trabalhar no Brasil onde voltaria *rico e honrado*. É anedota clássica de Frei Vicente do Salvador que viu o ex-presidiário, já honrado e rico, lado a lado ao Capitão-mor, seu compadre. O ex-degradado era senhor de três mil cruzadores e casara com mulher branca vinda de Portugal. Foram todos juntos para Pernambuco onde embarcaram, voltando à pátria.

João Rodrigues Colaço teve sua sesmaria a 9 de janeiro de 1600, dada por Manuel de Mascarenhas Homem, capitão-mor de Pernambuco, de *Fernão Buco*, escreveu o registrador, em 13 de setembro de 1677. Era de 2600 braças. Colaço diz "*ser a primeira pessoa que começou a rosar e a fazer benfeitorias no Rio Grande*". Informa que "*comprara escravos de Guiné e queria fazer humas casas no sítio que estava escolhido para a cidade*".

Extraído do livro *Governo do Rio Grande do Norte*, 2ª Volume, de autoria de Luís da Câmara Cascudo. Mossoró-RN, Coleção Mossoroense, série "C", volume DXXXI, 1989.

## João Rodrigues Colaço

### 400 Nomes de Natal

Há controvérsia quanto ao fato de ter sido **João Rodrigues Colaço** o primeiro capitão-mor da Capitania do Rio Grande. Todavia, é certo que ele foi o primeiro sesmeiro. Assumiu o governo em janeiro de 1600 e no mesmo mês e ano teve a sua sesmaria "*dada por Manuel de Mascarenhas Homem, capitão-mor de Pernambuco (...) Era de 2600 braças*". (Cascudo). Em sua administração, concedeu terras ao longo do rio Curimataú, para o sul, e pouco mais de duas léguas para o norte de Natal.

Ele próprio diz "*ser a primeira pessoa que começou a rosar e a fazer benfeitorias no Rio Grande*". Acrescenta que "*comprara escravos de Guiné e queria fazer humas casas no sítio que estava escolhido para a cidade*" (de Natal). Tinha então 37 anos de idade, como se depreende da sua qualificação em um termo de assentada de 1603, citado pelo historiador Hélio Galvão. A leitura deste documento - salienta Galvão - "*cria em redor de Colaço um ambiente de simpatia. A nobre sobriedade de suas respostas sobre alguns temas, revela um homem de caráter marcado, de personalidade alheia a condicionamentos eventuais, contrastando com a prolixa e servil confirmação de outros depoentes dos itens da justificação*".

Frei Vicente do Salvador, em sua História do Brasil, narra o seguinte episódio, ocorrido no tempo de Colaço à frente da Capitania: "*Logo em princípio veio ali ter um homem degradado pelo bispo de Leiria, o qual, ou zombando ou pelo entender assim, pôs na sentença: "Vá degradado por três anos para o Brasil, donde tornará rico e honrado". E assim foi que o homem se casou com uma mulher que também veio do reino ali ter, não por dote algum que lhe dessem com ela, senão por não haver ali outra e de tal maneira souberam granjear a vida que nos três anos adquiriram dois ou três mil cruzados com que foram para sua terra em companhia do capitão-mor do Rio Grande João Rodrigues Colaço, e de sua mulher D. Beatriz de Menezes, comendo todos a uma mesa, passeando de ombro com ombro com o capitão, assentando-lhe a mulher no mesmo estrado com a fidalga, como eu as vi em Pernambuco, onde foram tomar navio para se embarcarem. E toda essa honra lhes faziam porque, como em aquele tempo não batia ainda outra mulher branca no Rio Grande, acertou de parir a mulher do capitão, e a tomaram por comadre, e como tal a tratavam daquele modo. e o marido como campadre, cumprindo-se em tudo a sentença do bispo que tornaria do Brasil rico e honrado.*"

Colaço não fez parte da expedição de Mascarenhas Homem, em 1597; deve ter chegado ao Rio Grande pouco tempo depois,

De sua lida pregressa, pouco se sabe.

No período de 15 de agosto de 1595 a 15 de março de 1596, era capitão de uma companhia transferida do Recife para a Bahia.

Voltando a Lisboa, logo depois de passar o governo, "*não se conhece presença posterior sua no Brasil*" (Hélio Galvão).

Foi um dos plantadores da civilização portuguesa na terra de Potiguaçu. (Manoel Onofre Júnior)

Fonte: Transcrito de *400 Nomes de Natal* – Natal (RN), Prefeitura Municipal do Natal, 2000, págs. 383 a 384.

## Alvará de posse de João Rodrigues Colaço

### DOCUMENTOS

1) ALVARÁ de nomeação de **João Rodrigues Colaço** de Capitão da Fortaleza do Rio Grande — (18.01.1600), por certidão de 20 de outubro de 1971 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Palácio de São Bento - Lisboa), primeiro e legítimo documento divulgado no Brasil a partir daquela data. Pesquisa histórica do Dr. Ivoncisio Meira de Medeiros, filho do autor, em face de bolsa de estudo concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, e realizada de 1º de agosto a 30 de dezembro de 1971, nos Arquivos Históricos de Portugal.

2) CARTA PATENTE de nomeação de **Jerônimo de Albuquerque**, por certidão de 20 de outubro de 1971 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Palácio de São Bento - Lisboa). Documento publicado pela primeira vez por Vicente Lemos, em Capitães-Mores e Governadores do Rio Grande do Norte.

3) NOTA — Diversidade formal dos atos de nomeações, termos e poderes demonstram as diferentes funções exercidas por ambos na fase da colonização do Rio Grande do Norte. Jerônimo de Albuquerque, por delegação de Mascarenhas Homem, foi o 1º Capitão da Fortaleza dos Reis Magos e fundador da cidade do Natal, até a designação de **João Rodrigues Colaço** para o mesmo posto (Capitão da Fortaleza), porque, como **loco-tenente** (subcomandante), vinha prestando serviço há dois anos, desde a época da expedição conquistadora (fim de 1597 — princípio de 1598).

A Carta Patente de nomeação de **Jerônimo de Albuquerque**, pelo conteúdo, informa que, após a gestão de **João Rodrigues Colaço** no cargo de Capitão, apenas, da Fortaleza, foi ele o primeiro e verdadeiro Capitão-Mor e Governador da Colônia, bem assim Comandante do "Forte", por lhe ter sido dado em 1608,

por D. Diogo de Menezes, Governador Geral do Brasil — (quando de viagem à Bahia arribou ao Rio Grande), os demais elementos componentes do Governo da Capitania, como: um juiz, um vereador, um escrivão da Câmara e um procurador dos índios (Vicente Lemos - Capitães- Mores e Governadores do RN, pág. 9), o que antes não acontecera com **João Rodrigues Colaço**.

MEDEIROS, Tarcísio. *Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte*. Natal: Imprensa Universitária, 1973. Pág. 259.



## Observação

Solicitamos aos eventuais leitores que, caso disponham de outras informações que possam enriquecer este verbete, favor encaminhá-las à Fundação José Augusto através do seu Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine-CEPEJUL, situado na Rua Jundiá, 641, Tirol, CEP 59020-120, ou, pelo E-mail [fjacepejul@rn.gov.br](mailto:fjacepejul@rn.gov.br)

### Manuel de Mascarenhas Homem

**Manuel de Mascarenhas Homem**, não foi Capitão-mor do Rio Grande do Norte mas sua primeira autoridade cronológica. Dirigiu a expedição colonizadora da Capitania assim como a construção da fortaleza dos Santos Reis Magos, iniciada a 6 de janeiro e terminada a 24 de junho de 1598. Nomeou o primeiro capitão-mor e, posteriormente, concedeu a primeira sesmaria, a **João Rodrigues Colaço**, a 9 de janeiro de 1600.

Era Capitão-mor de Pernambuco por nomeação do donatário Jorge de Albuquerque, governou de 1596 a 1603, com interrupções determinadas por serviços militares.

Veio em dezembro de 1597 ao Rio Grande, chefiando a expedição conquistadora e viajou, por terra para a Paraíba, a 24 de junho de 1598, derrotando os indígenas em vários encontros. Em 1599 esteve com o Governador Geral do Brasil, dom Francisco de Souza, na Bahia, entendendo-se sobre assuntos do Rio Grande do Norte e, a 11 de junho do mesmo ano, assistiu na Paraíba a celebração de pazes entre portugueses e potiguares. Em janeiro de 1600 está em Natal. Em outubro de 1601 ainda voltou, comandando socorros para defender a fortaleza e a incipiente cidade dos ataques ferozes do “tuixáua potiguar Piragiba, que a trazia de cerco, segundo a narrativa de Antony Knivet.

Extraído do livro **Governo do Rio Grande do Norte**, 2ª Volume, de autoria de Luís da Câmara Cascudo. Mossoró-RN, Coleção Mossoroense, série “C”, volume DXXXI, 1989.

### João Rodrigues Colaço fundou Natal...

Por Alberto Pinheiro de Medeiros

Após a expulsão dos franceses, por D. Manuel Mascarenhas Homem, foi construída a Fortaleza dos Reis Magos, de madeira, iniciada em 6/1/1588 e concluída em 24/6/1588, quando tomou posse o primeiro Capitão-Mor do Rio Grande do Norte, João Rodrigues Colaço. A Fortaleza atual ficou pronta somente em 1628.

No dia 25/12/1599, João Rodrigues Colaço fundou Natal, sendo celebrada a primeira missa, numa pequena capela, no local onde hoje se ergue a praça André de Albuquerque. Depois de sofrer algumas reformas, a Capela ficou pronta em 1619.

Os holandeses dominaram o Rio Grande do Norte de 1633 a 1654. Natal passou a se chamar Nova Amsterdam e a fortaleza Castelo Ceulen. O Capitão-Mor Pero Mendes de Gouveia lutou bravamente, sendo, porém, vencido. Derrotado Joris Gardizman assumiu o comando da Capitania.

Os holandeses realizaram os massacres de Cunhaú e Uruaçu, cujos mártires foram beatificados em 2000 pelo Papa João Paulo II.

Após a expulsão dos holandeses, a cidade, estava em ruínas. O Capitão-Mor Antonio Vaz Gondim tomou providências para reconstruir a cidade e a capitania. Em Natal procurou soerguer a fortaleza, parcialmente destruída, refazer a Matriz e demais casas, etc. Segundo Cascudo “Vaz Gondim fez milagres de energia, operaridade e animação”.

A paz não durou muito tempo na Capitania. Os silvícolas se revoltaram, dominando, praticamente, todo o sertão, na chamada “Guerra dos Bárbaros” chegaram até Ceará-Mirim. Os colonos temendo um massacre ameaçaram abandonar Natal. O Capitão-Mor Pascoal Gonçalves de Carvalho, em 1689, baixou edital, determinando prender e confiscar os bens de quem tentasse sair da capital. Finalmente, Bernardo Vieira de Melo pacificou os nativos.

Após a Revolução de 1817, o Rio Grande do Norte se libertou da tutela de Pernambuco e em 1818 se criava uma nova comarca, com sede em Natal. O momento era difícil e em 1824, surge nova revolução, formando a Confederação do Equador. Tomás Araújo evitou uma guerra civil na Capitania. Em 1/12/1824 a ordem era restabelecida em todo o Nordeste.

O Brasil proclama sua emancipação política em 1822. Natal comemora o evento com festa no dia 22/1/1823, pela junta que governava a Capitania.

O processo de industrialização começou no final do séc. XIX, quando o grupo Pedroza/Barreto aliado a família Maranhão fundou uma fábrica de tecidos. Outras industrias: a de óleo, de caroço de algodão, na Ribeira e uma fábrica de sabão, no Alecrim.

Alvorecer da época da aviação (1922-1937) Natal, pela sua posição Geográfica, ocupou um lugar de destaque. Primeiro, foram os hidroaviões e depois, surgiram os aviões. Entre os pioneiros, marcou presença Jean Mermoz.

O Aeroporto de Parnamirim foi inaugurado em 14 de outubro de 1927.

Juvenal Lamartine governava com punho de ferro o Rio Grande do Norte, perseguindo seus opositores. João Café Filho fugiu para a Paraíba e se aliou a “Aliança Liberal” que apoiava Getúlio Vargas e João Pessoa, para Presidente e Vice, respectivamente. Os revolucionários de 1930, vindos da Paraíba, sob o comando do Major Luis Tavares Guerreiro, chegaram a Natal sem encontrar resistência. Juvenal

Lamartine tinha fugido do Estado. O povo natalense viveu uma época de pânico e temor. Vitoriosos, formaram um triunvirato para governar o Estado: Luis Tavares Guerreiro, Abelardo Torres da

Silva e Júlio Pontes. A partir de 6/10/1930, o Rio Grande do Norte passou a ser dirigido por interventores.

Em 1/1/1931, chegou a Natal o Capitão Fragata Carlos Alberto Coraggio, trazendo a Coluna Capitolina, presente de Bento Mussoline, chefe do governo italiano, ao povo natalense. Visava comemorar o "raid" Roma-Natal, feito, feito pela dupla de aviadores italianos Del Prete e Fenarim. Os visitantes foram recebidos pro Irineu Joffily (Interventor Federal), Dias Guimarães (Prefeito) e, ainda, por Café Filho.

O Governo de Mario Leopoldo Pereira da Câmara se caracterizou pelas perseguições aos seus opositores. O seu substituto Rafael Fernandes Gurjão seguiu o seu exemplo.

Reinava um clima de intranqüilidade. Este contexto contribuiu para o êxito da Intentona Comunista de 1935. No poder, os comunistas constituíram um Comitê Popular Revolucionário e editaram o jornal "A Liberdade". Com a derrota dos comunistas fugindo para o interior e após um combate na Serra do Doutor, debandaram.

Os pioneiros da aviação, passando por Natal, vindos ou se dirigindo para outros lugares, projetaram a cidade internacionalmente. Foi, entretanto, durante a Segunda Guerra Mundial, servindo de ponto de apoio, para as tropas aliadas na África, que se consagrou definitivamente no cenário mundial, recebendo, inclusive, o título de "Trampolim da Vitória".

Antes de o país entrar no conflito, Natal vivia um clima de guerra: blackouts, abrigos antiaéreos e manobras militares. O Brasil entrou na guerra em 1942.

No dia 28/01/1843, Getúlio Vargas se encontrou, em Natal, com Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, na chamada "Conferência de Natal". A cidade ganhou duas bases: uma aérea e outra naval. Dez mil soldados americanos estiveram em Natal. Ilustres personalidades passaram por Natal, que ganhou um aspecto cosmopolita na década de 40. O aumento da população atingiu um índice de 88,2%!

Em 1960, a cidade elegeu Djalma Maranhão seu prefeito. Ele promoveu uma verdadeira revolução no ensino, através da campanha do "Pé no chão também se aprende a ler", alfabetizando crianças e adultos.

A partir de 1959, com a fundação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o ensino superior começou a se consolidar, passando a ser ponto de atração para os habitantes dos centros urbanos do interior.

Outros fatores contribuíram para um rápido crescimento de Natal: a modernização das rodovias, crise na agricultura (1956 a 1966) e, sobretudo, grandes investimentos públicos na capital.

Em 1960, o governador Aluizio Alves, construiu o primeiro conjunto habitacional, a Cidade da Esperança. Outros seriam construídos, provocando a expansão urbana. A cidade se estenderia para além do Rio Potengi, formando a "Zona Norte". Aos poucos, vão surgindo os edifícios de apartamento, dentro de condomínios fechados.

O Turismo, entretanto, passou a ser fator predominante, no desenvolvimento e modernização de Natal. Surgiram pousadas e, sobretudo, grandes hotéis na Via Costeira. Mudança de hábitos, com a valorização dos shoppings. Foram criadas zonas especiais de interesses turísticos, na orla marítima. O Carnatal, ou seja, carnaval fora de época, no mês de dezembro, se constitui no maior evento da área turística.

Na educação, cresce a participação da iniciativa particular, inclusive no ensino superior. Além da Universidade Potiguar, existem faculdades para executivos, Universidade de Natal, Câmara Cascudo, etc. Na Cultura, o maior nome é Luis da Câmara Cascudo, um dos sete maiores folcloristas do mundo. Entre escritores e poetas, existem grandes nomes: Américo de Oliveira Costa, Esmeraldo Siqueira, Waldson Pinheiro, Nei Leandro de Castro, Diva Cunha, Diógenes da Cunha Lima, D. Nivaldo Monte, João Wilson Melo, etc.

Historiadores: além de Câmara Cascudo, Tarcísio Medeiros, Olavo de Medeiros Filho, Enélio Lima Petrovich, Marlene da Silva Mariz, Denise Mattos, etc.

Compositores: Tonheca Dantas, Francisco Elion Othoniel Menezes, Eduardo Medeiros, Dozinho, etc.

Artistas Plásticos: Newton Navarro, Dorian Gray, Tomé Figueiredo, etc.

Diante da expansão urbana e o crescimento populacional, em janeiro de 1997, foi criada a Região Metropolitana de Natal, compreendendo os municípios de Natal, Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Parnamirim e São Gonçalo.

A população de Natal se aproxima dos 800.000 habitantes.

Fonte: Alberto Pinheiro de Medeiros = <http://www.natalrentacar.com.br/textos/txthistoria.htm>

---

## Afinal, Quem Fundou Natal?

Por Olavo de Medeiros Filho

A primeira versão que contou no início com a quase unanimidade dos historiadores, inclusive dos pesquisadores da terra, era a que apontava Jerônimo de Albuquerque como fundador da Cidade do Natal. Essa teoria, que tem entre seus defensores ilustres nomes, como Vicente Lemos, Tavares de Lyra e Tarcísio Medeiros, em síntese seria a seguinte: Mascarenhas Homem nomeou Jerônimo de Albuquerque comandante da fortaleza e depois seguiu para a Bahia com a finalidade de prestar contas da missão que desempenhara, por determinação do governador-geral do Brasil. Veio a seguir a pacificação dos nativos e, em seguida, a fundação da cidade. Como Jerônimo se destacou no processo e era o capitão-mor da Capitania do Rio Grande, logo fora ele o fundador de Natal. Tavares de Lyra chega até a afirmar que "é de presumir". Portanto, não se tratava de fato e, sim, de uma possibilidade.

Com o avanço das pesquisas, ficou provado que Mascarenhas Homem não designou Jerônimo de Albuquerque para exercer a função de capitão-mor do Rio Grande e, o que é mais importante, Jerônimo não

se encontrava presente na data da fundação da cidade e portanto não pode ser considerado como sendo seu fundador ...

Luís Fernandes (1932) defendeu ter sido Manuel Mascarenhas Homem o fundador da Cidade do Natal. Alegava que, construindo o primeiro edifício (a fortaleza) e ainda as casas que deram origem à povoação que se formou próxima à fortaleza, seria o verdadeiro padrinho da cidade. Argumentação falha, considerando que o novo centro urbano não possuía nenhuma relação com tudo o que existia anterior à data da sua fundação.

José Moreira Brandão Castelo Branco publicou em 1950, na revista Bando, o texto "Quem fundou Natal", onde defendia a tese de ser João Rodrigues Colaço o provável fundador da capital potiguar. Posteriormente, esse estudo foi publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 1960, provocando uma polêmica. Câmara Cascudo chegou inclusive a apoiar a teoria defendida por Castelo Branco (1955). Pouco tempo depois mudou de opinião, acreditando que o fundador da cidade teria sido outro: "Para mim, o padrinho da Cidade do Natal foi Mamuel de Mascarenhas Homem, capitão-mor de Pernambuco, comandante da expedição colonizadora. E argumenta: "Continuava tão interessado no cumprimento das reais determinações que fora à Paraíba, em junho desse 1599, assistiu à solenidade do contrato das pazes com os potiguares, ato possibilitador da criação da Cidade seis meses depois. Acontece que, nessa época, Mascarenhas Homem estava em Natal onde concedeu, a 9 de janeiro de 1600, data nesta fortaleza dos REIS MAGOS (...), a primeira sesmaria, à margem esquerda do rio, numa água a que chamam da Papuna, justamente ao capitão João Rodrigues Colaço, seu subalterno. Não abandonaria funções de governança se não tivesse deveres de suma importância, como satisfazer a última parte das instruções do rei, participando da fundação da cidade. Não outra explicação para a sua presença em Natal. Tinha sido encarregado da missão e deveria cumpri-la até o final".

Essa teoria se fundamenta nos seguintes pontos:

1 - A presença de Manuel Mascarenha em dois eventos:

- a) Solenidade da ratificação da paz com os nativos.
- b) Data da fundação da cidade.

2 - E, ainda, os seguintes argumentos:

a) Doou a primeira sesmaria no Rio Grande do Norte a João Rodrigues Colaço, ato administrativo que provaria que estava à frente do governo da capitania.

b) Mascarenhas Homem tinha como missão expulsar os franceses, construir uma fortaleza e fundar uma cidade. Deveria executar objetivos e, assim, teria para cumprir a última missão: a fundação de Natal.

Manuel Mascarenhas Homem prestigiou os eventos citados como representante do governador-geral do Brasil e foi representando D. Francisco de Souza que doou a sesmaria a Colaço. É bom lembrar que, como comandante de uma expedição militar, ele não poderia doar sesmaria ...

Mascarenhas Homem construiu a fortaleza de madeira, lançando os fundamentos da fortaleza definitiva. Expulsou os franceses, mas não fundou a cidade do Natal porque em dezembro de 1599 já existia um governante, o capitão-mor João Rodrigues Colaço, habilitado legalmente para fundar a cidade e iniciar o processo de colonização...

Não se pode esquecer, também, que no documento da doação de capitão da fortaleza, D. Manuel Mascarenhas Homem disse claramente que "por mandato do dito Senhor vim conquistar este Rio Grande e fazer nele a fortaleza dos Reis Magos". Não afirma que veio fundar uma cidade e, no entanto, Natal já estava fundada! Chega-se a uma conclusão: Manuel Mascarenhas não fundou a Cidade do Natal. Falta examinar apenas a teoria que defende ter sido João Rodrigues Colaço o verdadeiro fundador.

Vicente Lemos foi o primeiro historiador a afirmar que João Rodrigues Colaço teria sido o homem que exerceu, pela primeira vez, a função de capitão-mor do Rio Grande, numa nota publicada na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Vol. 6, página 138: A conquista iniciada em princípios de 1598, e na qual tanto distinguiu-se Jerônimo de Albuquerque, remete no ano seguinte, e, ciente D. Francisco de Souza, governador-geral do Brasil, de bom êxito da empresa, nomeou capitão-mor do forte a João Rodrigues Colaço, o primeiro que realmente governou a capitania".

Depois, entretanto, Vicente de Lemos muda de opinião. No seu livro "Capitães Mores e Governadores do Rio Grande do Norte", declarou que Jerônimo de Albuquerque foi o fundador da Cidade do Natal.

Fonte: <http://aldeiapoti.blogspot.com/2008/01/afinal-quem-fundou-natal.html>

---

## Os primeiros anos da Capitania

Por Luís da Câmara Cascudo

Os primeiros anos da Capitania do Rio Grande do Norte, construído o Forte e fundada a Cidade do Natal são semidesconhecidos. A informação maior é o "Auto de Repartição de Terras" que nomeia os moradores e fixa mais ou menos a extensão ocupada pelos plantios.

A primeira sesmaria ao longo do rio Putigi (*Potengi*) requerida pelo Capitão Mor João Rodrigues Colaço e concedida pelo Capitão-Mor de Pernambuco, Manuel de Mascarenhas Homem, a 9 de janeiro de 1600, abre uma interrogação. Que estava fazendo em Natal Mascarenhas Homem? Qual o assunto que o levava à recém-criada Capitania?

Há, unicamente em fonte difusa e confusa, um fio de explicação. Anthony Knivet, marinheiro do corsário Thomas Cavendish, deixado no Brasil em 1591, ditou um livro de aventuras e sofrimentos, onde há informação entre curiosa e fantástica. O fujão Knivet escreve que, vindo do Rio de Janeiro para Olinda com o governador Salvador Correia de Sá, chegara à capital pernambucana um chamado urgente de *Jelísiano Cuello* (Feliciano Coelho), contando estar combatendo a indiada revoltada no Rio Grande, e pedindo socorro a Mascarenhas Homem. Este, deixando Salvador Correia de Sá, seu hóspede, voara para o Rio Grande, com 400 portugueses e 3.000 indígenas, número superior às possibilidades. Viajaram sete dias, sete dias de batalhas pelos caminhos. O Rio Grande estava mergulhado numa multidão de indígenas furiosos. Knivet calculou, modestamente, nuns 40.000. Eram Potiguares e ocupavam-se em devorar 200

prisioneiros. Caíram os soldados de Mascarenhas em cima do acampamento selvagem e os sitiados, aproveitando, largaram o reduto e meteram o inimigo entre duas colunas impiedosas e valentes. Knivet computou os mortos indígenas em 5.000 e 3.000 prisioneiros. Essa horda assaltante era comandada por Piraiuwat, o mesmo fiel Piragiba, o tuixaua dos Tabajaras paraibanos, que, amedrontado, propôs a paz com permuta de prisioneiros e o desejo de viver livremente. Mascarenhas Homem aceitou e tudo se foi acalmando, com batizados e promessas. Mascarenhas mandou erguer duas casas mui forte à margem do rio, junto à cidade, e mandou vir quarenta peças de Ferro de Pernambuco, vinte para cada uma delas.

Até aqui o exato Knivet. É a vaga e nevoenta explicação de Mascarenhas estar em Natal em 1600.

Em que data ter-se-ia dado a intentona indígena? Knivet saiu do Rio de Janeiro em 14 de agosto de 1601. Mascarenhas estava em Natal em Janeiro do ano anterior. As façanhas narradas seriam, possivelmente, em meados de setembro de 1601. Feliciano Coelho deixara o governo da Paraíba desde agosto de 1600. Seu sucessor, Francisco de Souza Pereira, fora nomeado em março. Passaria Coelho à administração do Rio Grande? Não é crível. Rodrigues Colaço estava na Capitania desde Março ou abril de 1599 e governou até julho de 1603. Em agosto deste 1603 Jerônimo d'Albuquerque já está administrando, regressando de Lisboa onde alcançara nomeação d'El-Rei. Se Mascarenhas, que estava em Natal em janeiro de 1600, voltou em meados de 1601 para derrotar Piragiba, corre por conta de Knivet.

A 2 de maio de 1604 doou Jerônimo d'Albuquerque aos seus filhos Antônio e Matias uma sesmaria de cinco mil braças quadradas na várzea do Cunhaú, começando donde entre a ribeira do Piqueri e duas léguas em Canguaretama. O Rei achou excessiva a doação e mandou, em 1612, repartir. Vieram o Capitão-Mor de Pernambuco e o Ouvidor realizar a diligência, atestando que já estava construído um engenho de açúcar, em maio de 1614, a maior parte das terras cultivadas. Mesmo assim retiraram a metade da doação. Assim nasceu o engenho Cunhaú, o primeiro centro industrial da Capitania, o núcleo açucareiro, sede de resistências e martírios históricos. Até 1925 pertenceu aos Albuquerque Maranhões..

O Governador Geral do Brasil, dom Diogo de Menezes e Siqueira, em fins de 1608, arribou a Natal, trazido por uma tempestade. Essa arribada é estória e não história, destituída de fundamentos reais e de registros credíveis. É uma tradição sem provas fiéis. Dizem que Sua Excelência encontrou a Cidade com vinte e cinco moradores e uns oitenta nos arredores, pescando e plantando. Fora o Capitão-Mor não havia governo local nem os colonos conheciam autoridade civil. Ausência do Pelourinho.

O Rio Grande era um presídio militar apenas suportando a vida de uma incipiente colonização. Dom Diogo, em 1611, depois de ouvir o parecer da Relação da Bahia, por de criada, deu os rudimentos de uma organização municipal ao Rio Grande, criando e fazendo prover os cargos de Juiz, um vereador, um escrivão da Câmara e um procurador dos indígenas. Nesse 1611, houve demarcação entre o Rio Grande e a Paraíba, ficando para esta o engenho Camaratuba e para aquele o Cunhaú. Perdemos os nossos limites históricos da Donataria, começados na Bahia da Traição recuando para o rio Guaju. A pequena pastorícia e os roçados de farinha reuniam as atividades. Jerônimo d'Albuquerque, em 1608, informara haver descoberto uma mina de ferro, distando 40 léguas do Forte.

O Capitão-Mor era a suprema lei. Concedia terras e comandava o Forte, onde residia, vigiando a região. A Cidade desenvolvia-se devagar, na Rua Grande, entre cercas de varas entretecidas com melões de S. Caetano e legumes úteis. As doações de chãos no sítio da Cidade eram feitas pelo Capitão-Mor, denunciando a perfeita ausência de um governo civil.

A Capitania se espraiava em dezesseis aldeias indígenas, sem direção ou assistência religiosa, centros possíveis de agitação e ameaça constante. Ainda em 1618 todo rendimento era a produção do engenho Cunhaú. A despesa da Fazenda Real orçava anualmente em 110\$. O pessoal de guerra absorvia 3. 1 83\$950... Significava constituir a Capitania mais uma posição bélica de vigilância e guarda que a expressão regular e produtora de Capitania.

Nas vésperas do domínio holandês a Capitania quase se limitava a um âmbito redondo de 15 a 18 léguas, sesmarias sem benefícios em sua maioria. A penetração subia as margens dos rios Potengi, Jundiá e Trairi. A pista do sul povoava-se vagarosamente na meia segurança das comunicações com a Paraíba e Pernambuco. O vale do Ceará-Mirim, examinado desde 1614, continuava virgem. Extraíam sal em Guamaré. O maior centro populoso indígena era Mipibu. Os aldeamentos iam de cinco a seis povoados. Natal constava de 35 a 40 casas de palha e barro. O engenho Cunhaú safrejava 6.000 e 7.000 arrobas de açúcar que embarcava para Pernambuco, em barcaças, em caixas de madeira. O outro engenho, Ferreiro Torto, estava de fogo morto pela ruindade das terras e não existia em 1618. Não conheço documento de sua produção. Num raio de seis a nove milhas não viviam mais de 120 a 130 camponeses. A vida organizava-se fora da Cidade, ocorrendo-se apenas para as cerimônias religiosas ou reuniões administrativas. Para o norte Jerônimo d'Albuquerque dera aos filhos terras de salmos na correspondência de Macau (20-8-1605), mas não havia benfeitorias.

CASCUDO, Luís da Câmara, História do Rio Grande do Norte, 1ª edição. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação-MEC, 1955. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto/Ed. Achiamé, 1984. Págs. 57 / 59.

---

## História da Cidade

A doação que D. João III fez a João de Barros e a Aires da Cunha compreendia o território do Rio Grande do Norte. Para exploração dos dois lotes que lhe couberam, o famoso autor das "Décadas", seu associado e Fernão Álvares de Andrade, donatário da Capitania do Piauí, organizaram uma expedição, da qual participavam dois filhos do primeiro, Jerônimo e João. Em novembro de 1535, com cinco naus e cinco caravelas, 900 homens e mais de 100 cavalos, a expedição deixou o Reino, para atingir em dezembro do mesmo ano, a Capitania de Pernambuco, onde Duarte Coelho lhe deu agasalho e lhe forneceu intérprete, guias e pequena embarcação para exploração do litoral.

De Pernambuco, segundo Varnhagen, referido por Luís da Câmara Cascudo, a frota saiu bordejando pela costa, rumo ao norte, indo fundear na foz do rio Baquipe, rio Pequeno ou do Ceará-Mirim, a menos de 12 quilômetros acima da futura cidade de Natal. Na embocadura do Ceará-Mirim, a expedição, sob

comando de Aires da Cunha, encontrou fortíssima resistência dos potiguares, auxiliados por franceses que faziam escambo com os indigentes. Prosseguindo para o norte, os remanescentes da expedição chegaram em março de 1536 a ilha do Maranhão, onde fundaram um povoado, a que deram o nome de Nazaré, ali permanecendo cerca de 3 anos, em meio a grandes trabalhos e vicissitudes.

Morreram cerca de 700 homens e os restantes renunciando aos sonhos de grandeza, abandonaram por fim o lugar em caravelões que, navegando á matroca, foram dar nas Antilhas, em agosto de 1538.

Outra expedição, fracassada como a anterior, teria sido levada a cabo no ano de 1555, ainda por iniciativa de João de Barros, dela participando seus dois filhos. O fato é que até 1561 o Donatário não estabelecera povoação nas terras do Rio Grande do Norte nem praticara atos eficientes de posse, conquanto os franceses continuassem a manter assíduo comércio com os silvícolas. A 6 de março daquele ano, o Donatário requeria ao jovem Rei D. Sebastião proibisse a ida de qualquer pessoa, sob qualquer pretexto, as suas terras do Brasil, embora na Capitania não houvesse povoamento.

Os Franceses Ao serem expulsos da Paraíba, os franceses refluíram para o rio Potengi, convertendo o sítio em núcleo irradiante de suas incursões. Jacques Riffault, por exemplo, abrigava suas naus na curvo do Potengi, de onde saíram 13, em 1597, para atacar Cabedelo. A região em que atualmente se localiza a cidade de Natal era domínio os potiguares, cuja amizade com os franceses facilitava a movimentação das naus gaulesas e o tráfico de pau-brasil. Reação.

A expedição que deveria fundar o Forte e a cidade só se realizou em dezembro de 1597, no governo de D. Francisco de Souza, em obediência a cartas régias.

Composta de 7 navios e 5 caravelas, tendo por Capitão-mor Francisco de Barros Rego e por Almirante Antônio da Costa Valente, a frota de guerra partiu de Pernambuco e velejou para o norte, enquanto por terra, acompanhando Manuel Mascarenhas Homem, Capitão-mor daquela capitania, iam três companhias de gente a pé, comandadas por Jerônimo de Albuquerque, seu irmão Jorge e Antônio Leitão Mirim, este último a frente de uma companhia montada. Parcialmente dizimados pela varíola, os expedicionários atingiram a foz do Potengi em fins daquele ano, empenhando-se em lutas com os franceses e seus aliados indigentes. Num arrecife, a 700 metros da barra do Potengi, foi iniciada a construção do Forte na manhã do dia dos Santos Reis, 6 de janeiro de 1598. Seguiram-se lutas cruentas, com avanços e recuos, até que, mercê de paciente trabalho de persuasão, desenvolvido pelos jesuítas, estabeleceu-se a paz com os potiguares, retirando-se os franceses.

#### **Fundação da Cidade**

Deu-se início, então, a "uma povoação no rio Grande, a uma légua do Forte, a que chamam Cidade dos Reis", conforme afirmativa de Frei Vicente do Salvador, que não tem sido aceita pacificamente. No mapa divulgado por Barléus, em 1647, figura Natal como uma aldeia habitada por portugueses. Robert Southey sugere que a povoação primitiva ficava perto do Forte, sendo posteriormente transferida para lugar conveniente.

A fundação da cidade ocorreu em 25 de dezembro de 1599. Vários historiadores atribuem a escolha do topônimo ao fato de haver sido a demarcação feita no dia do Natal. A Constituição Estadual registra a grafia CIDADE DO NATAL. A iniciativa da fundação é também controvertida. Autores modernos consideram invalidada a tradição que outorgava tal glória a Jerônimo de Albuquerque, tendo em vista que quinze dias após ser criada a cidade, era Capitão da Fortaleza dos Reis Magos João Rodrigues Colaço, a quem, como observa Câmara Cascudo, deveria caber, até prova em contrário, a autoria do empreendimento.

O povoamento foi lento. Em 1608, Diogo de Menezes, em carta a El-Rei, afirmava que a população era escassa. Em 1614, havia doze casas e a igreja não possuía portas. A situação, ao que parece, não melhorou sob o domínio holandês. No século XVIII, o Capitão-mor d' Forte mudou-se para a rua Grande, berço da cidade; em 1759, o Ouvidor-mor admitia, com pessimismo, a existência de 118 casas. Até a altura de 1922, a cidade pouco mudara. Desde então, porém, começou a modernizar-se, iniciando-se o atual surto de progresso.

#### **FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA**

A 25 de dezembro de 1599, Jerônimo de Albuquerque, Capitão-mor da Fortaleza das Reis Magos, inaugurou a vila, a que deu o nome de Natal.

O Governador-Geral do Brasil, D. Diogo de Menezes, em 1611, por parecer da Relação da Bahia criou o Município, a cuja sede se concederam foros de cidade por Decreto de 24 de fevereiro de 1823.

De acordo com a Divisão Administrativa de 1911. Natal compunha-se de 3 distritos: Ribeira, Cidade Alta e Cidade Nova.

Nas seguintes, aparece com um único distrito, o da sede. Por força da Lei estadual n.º 146, de 23 de dezembro de 1948, que estabeleceu a divisão territorial do Estado para 1949-1953, passou a figurar com os distritos de Natal e Parnamirim.

Gentílico Natalense.

Fonte: Biblioteca IBGE = <http://www.citybrazil.com.br/rn/natal/historia-da-cidade>

---

## **Capitania do Rio Grande**

### **A Nobre Sobriedade de João Rodrigues Colaço**

Era militar. Casado com dona Beatriz de Menezes, filha de Henrique Muniz Teles.

Falando sobre o caráter e a personalidade de Colaço, disse Hélio Galvão: "a nobre sobriedade de suas respostas sobre alguns temas, revela um homem de caráter marcado, de personalidade alheia a condicionamentos eventuais".

Olavo de Medeiros Filho informa que "no período de 15 de agosto de 1595 a 15 de março de 1596, era capitão de uma companhia transferida do Recife para a Bahia. A referida companhia, àquela data, retornou a Pernambuco.

Um fato que ninguém pode negar é que João Rodrigues Colaço pode ser considerado um dos primeiros povoadores do Rio Grande, nascido na Europa. Por essa razão é que requereu ao representante

do governador geral do Brasil, Manuel Mascarenhas Homem, uma sesmaria, com 2.600 braças, onde possuía inclusive roçados. Tinha, também, escravos da Guiné.

Colaço assumiu o cargo de capitão da fortaleza no dia 24 de junho de 1598, como comprova a "Relação de Ambrósio Siqueira".

Olavo de Medeiros Filho afirma que no "período de 26 de novembro de 1601 a 6 de março de 1602, nenhuma data e sesmaria foi concedida pelo governo de Rodrigues Colaço". Segundo esse autor, provavelmente, nessa época, teria acontecido um conflito entre portugueses e nativos, descrito por Anthony Knivet. O episódio teria acontecido da seguinte maneira: os potiguares, em grande número, cercaram a Cidade do Natal. Aprisionaram e mataram muitos homens. Mascarenhas Homem, ao tomar conhecimento do fato, partiu de Pernambuco e surpreendeu o inimigo que se encontrava, naquele instante, devorando os prisioneiros mortos. Estavam ébrios. E sem a menor condição para reagir. Foram, então, massacrados. Muitos morreram, sendo assassinados a pancadas! O saldo da chacina: cinco mil mortos! O chefe Pirajuba (Barnatana de um Peixe) solicitou e obteve de Manuel Mascarenhas Homem, a paz.

João Rodrigues Colaço, possivelmente, se encontrava ausente da capitania. Não há registro de nenhum envolvimento de Colaço no acontecimento, antes ou depois do ocorrido.

Frei Vicente do Salvador narra, na sua História do Brasil, um fato interessante, que teria se passado durante o governo de João Rodrigues Colaço: o bispo de Leiria condenou um homem a passar três anos no Brasil, "onde tornará rico e honrado". O degredado se casou com uma mulher portuguesa e reuniu uma pequena fortuna. E, ainda, desfrutava da amizade de Colaço e de sua esposa.

Não se sabe, até o momento, de outro feito de João Rodrigues Colaço, a não ser a fundação da Cidade do Natal. Depois de ter concluído o seu governo, voltou para Portugal. Não se tem outras notícias da sua presença no Brasil. Não se sabe, também, onde e quando morreu. Mas a falta de maiores dados sobre a vida de Colaço não justifica, de maneira alguma, a retirada do único momento de glória que ele viveu: ser o verdadeiro fundador da Cidade do Natal.

No momento em que Natal se prepara para comemorar os quatrocentos anos de sua existência, ninguém pode deixar de fazer justiça ao seu humilde, desconhecido, porém, verdadeiro fundador.

Fonte: [http://www.tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist\\_m\\_3b.htm](http://www.tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_m_3b.htm)

---

## Expulsão dos franceses

Por Alberto Pinheiro de Medeiros

Após a expulsão dos franceses, por D. Manuel Mascarenhas Homem, foi construída a Fortaleza dos Reis Magos, de madeira, iniciada em 6/1/1588 e concluída em 24/6/1588, quando tomou posse o primeiro Capitão-Mor do Rio Grande do Norte, João Rodrigues Colaço. A Fortaleza atual ficou pronta somente em 1628.

No dia 25/12/1599, **João Rodrigues Colaço** fundou Natal, sendo celebrada a primeira missa, numa pequena capela, no local onde hoje se ergue a praça André de Albuquerque. Depois de sofrer algumas reformas, a Capela ficou pronta em 1619.

Os holandeses dominaram o Rio Grande do Norte de 1633 a 1654. Natal passou a se chamar Nova Amsterdan e a fortaleza Castelo Ceulen. O Capitão-Mor Pero Mendes de Gouveia lutou bravamente, sendo, porém, vencido. Derrotado Joris Gardizman assumiu o comando da Capitania.

Os holandeses realizaram os massacres de Cunhaú e Uruaçu, cujos mártires foram beatificados em 2000 pelo Papa João Paulo II.

Após a expulsão dos holandeses, a cidade, estava em ruínas. O Capitão-Mor Antonio Vaz Gondim tomou providências para reconstruir a cidade e a capitania. Em Natal procurou soerguer a fortaleza, parcialmente destruída, refazer a Matriz e demais casas, etc. Segundo Cascudo "Vaz Gondim fez milagres de energia, operaridade e animação".

A paz não durou muito tempo na Capitania. Os silvícolas se revoltaram, dominando, praticamente, todo o sertão, na chamada "Guerra dos Bárbaros" chegaram até Ceará-Mirim. Os colonos temendo um massacre ameaçaram abandonar Natal. O Capitão-Mor Pascoal Gonçalves de Carvalho, em 1689, baixou edital, determinando prender e confiscar os bens de quem tentasse sair da capital. Finalmente, Bernardo Vieira de Melo pacificou os nativos.

Após a Revolução de 1817, o Rio Grande do Norte se libertou da tutela de Pernambuco e em 1818 se criava uma nova comarca, com sede em Natal. O momento era difícil e em 1824, surge nova revolução, formando a Confederação do Equador. Tomás Araújo evitou uma guerra civil na Capitania. Em 1/12/1824 a ordem era restabelecida em todo o Nordeste.

O Brasil proclama sua emancipação política em 1822. Natal comemora o evento com festa no dia 22/1/1823, pela junta que governava a Capitania.

O processo de industrialização começou no final do séc. XIX, quando o grupo Pedroza/Barreto aliado a família Maranhão fundou uma fábrica de tecidos. Outras indústrias: a de óleo, de caroço de algodão, na Ribeira e uma fábrica de sabão, no Alecrim.

Ao alvorecer da época da aviação (1922-1937) Natal, pela sua posição Geográfica, ocupou um lugar de destaque. Primeiro, foram os hidroaviões e depois, surgiram os aviões. Entre os pioneiros, marcou presença Jean Mermoz.

O Aeroporto de Parnamirim foi inaugurado em 14 de outubro de 1927.

Juvenal Lamartine governava com punho de ferro o Rio Grande do Norte, perseguindo seus opositores. João Café Filho fugiu para a Paraíba e se aliou a "Aliança Liberal" que apoiava Getúlio Vargas e João Pessoa, para Presidente e Vice, respectivamente. Os revolucionários de 1930, vindos da Paraíba, sob o comando do Major Luis Tavares Guerreiro, chegaram a Natal sem encontrar resistência. Juvenal Lamartine tinha fugido do Estado. O povo natalense viveu uma época de pânico e temor. Vitoriosos, formaram um triunvirato para governar o Estado: Luis Tavares Guerreiro, Abelardo Torres da Silva e Júlio Pontes. A partir de 6/10/1930, o Rio Grande do Norte passou a ser dirigido por interventores.



Em 1/1/1931, chegou a Natal o Capitão Fragata Carlos Alberto Coraggio, trazendo a Coluna Capitolina, presente de Bento Mussoline, chefe do governo italiano, ao povo natalense. Visava comemorar o "raid" Roma-Natal, feito, feito pela dupla de aviadores italianos Del Prete e Fenarim. Os visitantes foram recebidos por Irineu Joffily (Interventor Federal), Dias Guimarães (Prefeito) e, ainda, por Café Filho.

O Governo de Mario Leopoldo Pereira da Câmara se caracterizou pelas perseguições aos seus opositores. O seu substituto Rafael Fernandes Gurjão seguiu o seu exemplo.

Reinava um clima de intranqüilidade. Este contexto contribuiu para o êxito da Intentona Comunista de 1935. No poder, os comunistas constituíram um Comitê Popular Revolucionário e editaram o jornal "A Liberdade". Com a derrota dos comunistas fugindo para o interior e após um combate na Serra do Doutor, debandaram.

Os pioneiros da aviação, passando por Natal, vindos ou se dirigindo para outros lugares, projetaram a cidade internacionalmente. Foi, entretanto, durante a Segunda Guerra Mundial, servindo de ponto de apoio, para as tropas aliadas na África, que se consagrou definitivamente no cenário mundial, recebendo, inclusive, o título de "Trampolim da Vitória".

Antes de o país entrar no conflito, Natal vivia um clima de guerra: blackouts, abrigos antiaéreos e manobras militares. O Brasil entrou na guerra em 1942.

No dia 28/01/1843, Getúlio Vargas se encontrou, em Natal, com Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, na chamada "Conferência de Natal". A cidade ganhou duas bases: uma aérea e outra naval. Dez mil soldados americanos estiveram em Natal. Ilustres personalidades passaram por Natal, que ganhou um aspecto cosmopolita na década de 40. O aumento da população atingiu um índice de 88,2%!

Em 1960, a cidade elegeu Djalma Maranhão seu prefeito. Ele promoveu uma verdadeira revolução no ensino, através da campanha do "Pé no chão também se aprende a ler", alfabetizando crianças e adultos.

A partir de 1959, com a fundação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o ensino superior começou a se consolidar, passando a ser ponto de atração para os habitantes dos centros urbanos do interior.

Outros fatores contribuíram para um rápido crescimento de Natal: a modernização das rodovias, crise na agricultura (1956 a 1966) e, sobretudo, grandes investimentos públicos na capital.

Em 1960, o governador Aluizio Alves, construiu o primeiro conjunto habitacional, a Cidade da Esperança. Outros seriam construídos, provocando a expansão urbana. A cidade se estenderia para além do Rio Potengi, formando a "Zona Norte". Aos poucos, vão surgindo os edifícios de apartamento, dentro de condomínios fechados.

O Turismo, entretanto, passou a ser fator predominante, no desenvolvimento e modernização de Natal. Surgiram pousadas e, sobretudo, grandes hotéis na Via Costeira. Mudança de hábitos, com a valorização dos shoppings. Foram criadas zonas especiais de interesses turísticos, na orla marítima. O Carnatal, ou seja, carnaval fora de época, no mês de dezembro, se constitui no maior evento da área turística.

Na educação, cresce a participação da iniciativa particular, inclusive no ensino superior. Além da Universidade Potiguar, existem faculdades para executivos, Universidade de Natal, Câmara Cascudo, etc. Na Cultura, o maior nome é Luis da Câmara Cascudo, um dos sete maiores folcloristas do mundo. Entre escritores e poetas, existem grandes nomes: Américo de Oliveira Costa, Esmeraldo Siqueira, Waldson Pinheiro, Nei Leandro de Castro, Diva Cunha, Diógenes da Cunha Lima, D. Nivaldo Monte, João Wilson Melo, etc.

Historiadores: além de Câmara Cascudo, Tarcísio Medeiros, Olavo de Medeiros Filho, Enélio Lima Petrovich, Marlene da Silva Mariz, Denise Mattos, etc.

Compositores: Tonheca Dantas, Francisco Elion Othoniel Menezes, Eduardo Medeiros, Dozinho, etc.

Artistas Plásticos: Newton Navarro, Dorian Gray, Tomé Figueiredo, etc.

Diante da expansão urbana e o crescimento populacional, em janeiro de 1997, foi criada a Região Metropolitana de Natal, compreendendo os municípios de Natal, Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Parnamirim e São Gonçalo.

A população de Natal se aproxima dos 800.000 habitantes.

---

## Novas Luzes Sobre a Fundação de Natal

Foi o escritor José Moreira Castelo Branco quem procurou solucionar, de maneira definitiva, o problema da fundação de Natal. Com base numa exaustiva pesquisa, publicou um estudo intitulado "Quem Fundou Natal", onde provou que João Rodrigues Colaço foi de fato o primeiro capitão-mor do Rio Grande. Apresentou dois documentos, encontrados por Serafim Leite. Um deles é uma carta do provincial Pero Rodrigues, que registrava o trabalho de catequese realizado no Rio Grande pelos padres Francisco Pinto e Gaspar de Samperes, e diz ainda que "a tudo isso se achava presente o capitão da fortaleza, João Rodrigues Colaço".

Em seguida, Castelo Branco faz o seguinte comentário: "isto ocorria em março ou abril de 1599, porque a 19 deste último mês, já os ditos padres, a fim de satisfazerem uma exigência do príncipe Pau Seco, para melhor garantia e tornar a pacificação mais firme, partiam do forte do Rio Grande, em vista às aldeias dos potiguares, até chegar às de Capaoba, donde seguiram com destino à Paraíba".

O segundo documento, atribuído a Gaspar de Samperes, afirma o seguinte: "João Rodrigues Colaço, o primeiro capitão que foi daquela capitania".

Castelo Branco, apresentando essas provas, constatou ter sido Rodrigues Colaço o primeiro capitão-mor do Rio Grande e, ainda, através do documento em que dom Manuel Mascarenhas Homem deu sesmaria a João Rodrigues Colaço, se comprova que esse senhor governava a capitania em janeiro de 1600. Após examinar tudo isso, Castelo Branco conclui dizendo que "o primeiro capitão-mor do Rio Grande

foi João Rodrigues Colaço, que governava no ano de 1599, devendo, por isso, ter sido o fundador da Cidade do Natal".

Como Castelo Branco não se posicionou de maneira categórica, usando, inclusive, a expressão "devendo, por isso, ter sido o fundador", não fechava a questão, deixando o problema em aberto. É que o autor não dispunha de nenhum documento oficial que confirmasse a sua teoria.

A importância do estudo de Castelo Branco, contudo, é muito grande. Elaborou uma tese, hoje vitoriosa. Abriu novas perspectivas, trazendo uma contribuição significativa e despertando a curiosidade de outros historiadores. A sua teoria, portanto, ficou no terreno das possibilidades, ou seja, uma abordagem perfeitamente válida.

Permitiu, por outro lado, que a versão que defendia sem dom Manuel Mascarenhas Homem o fundador da Cidade do Natal ganhasse novos adeptos: Hélio Galvão e Luís da Câmara Cascudo.

Tarcísio Medeiros divulgou, pela primeira vez, em fevereiro de 1973, o Alvará de Nomeação de João Rodrigues Colaço, em seu livro "Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte". Através desse alvará se constata o seguinte:

1 - João Rodrigues Colaço foi nomeado capitão da Fortaleza, pelo governador geral do Brasil, dom Francisco de Souza, confirmado, posteriormente, pela metrópole.

2 - Não houve, portanto, interrupção, desde a data de nomeação, pelo governador geral do Brasil, dom Francisco de Souza, até a designação real, através do alvará de 18 de janeiro de 1600.

Esse alvará era, justamente, o documento oficial que Castelo Branco reclamava e que, infelizmente, não chegou a conhecer.

O historiador Olavo de Medeiros Filho, em seu livro "Terra Natalense", afirmou o seguinte: "Quando à transmissão do comando da fortaleza a Jerônimo de Albuquerque, referida por frei Vicente, não há respaldo documental. Conforme se verifica, através da leitura da Relação de Ambrósio de Siqueira, de 24 de junho de 1598 até 5 de julho de 1603, houve a presença de um capitão-mor da fortaleza e da Capitania do Rio Grande, de João Rodrigues Colaço, o qual foi provido pelo governador geral do Brasil, dom Francisco de Souza".

Essa informação é importante porque deixa claro que João Rodrigues Colaço recebeu o comando da fortaleza após a sua conclusão e não posteriormente, como se dizia no passado.

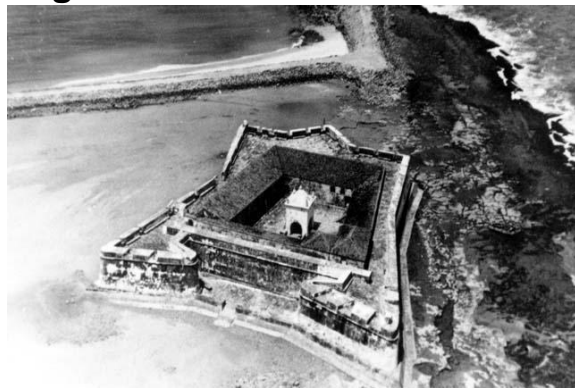
Jerônimo de Albuquerque, portanto, não foi designado capitão da fortaleza por Mascarenhas Homem no dia 24 de junho de 1598.

É possível também concluir que João Rodrigues Colaço foi, inicialmente, designado para responder pelo comando da fortaleza, por Mascarenhas Homem, e somente depois foi nomeado capitão-mor da Capitania do Rio Grande, pelo governador geral do Brasil, e, finalmente, confirmado nessa função, pelo governo metropolitano.

Examinando os documentos encontrados pelo padre Serafim Leite e publicados no livro "História da Companhia de Jesus no Brasil"; a "Carta de Doação de Sesmarias a João Rodrigues Colaço", publicada pela revista do Instituto Histórico e Geográfico no Rio Grande do Norte; a "Relação de Ambrósio de Siqueira", transcrita em parte - um pequeno trecho - por Olavo de Medeiros Filho, em "Terra Natalenses"; o Alvará de Nomeação de João Rodrigues Colaço, divulgado por Tarcísio Medeiros em "Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte" e, ainda, "Quem Fundou Natal", de Castelo Branco, fica claro o seguinte" João Rodrigues Colaço foi nomeado capitão da fortaleza por dom Francisco de Souza, sendo o primeiro a exercer tal função no Rio Grande, e como continuava governando a capitania, em janeiro de 1600, foi ele, João Rodrigues Colaço quem fundou A Cidade do Natal, No Dia 25 De Dezembro De 1599.

Fonte: [http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist\\_rn\\_3a.htm](http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_rn_3a.htm)

## Fortaleza dos Reis Magos - 1957



## Fortaleza dos Reis Magos

Por Yves Guerra

O Estado do Rio grande do Norte encontra-se historicamente inserido no processo de colonização brasileira devido à sua localização geográfica, na esquina do continente sul-americano, ponto mais próximo à África. Acredita-se até que o Brasil tenha sido descoberto em terras potigüares.

Contudo, passado o período pré-colonial em que o Brasil ficou praticamente abandonado, temendo a invasão dos corsários franceses e holandeses que circulavam pelo litoral nordestino, o então Rei da Espanha e Portugal Felipi II ordenou ao Capitão-Mor de Pernambuco - Mascarenhas Homem, que organizasse uma expedição para o Rio Grande.

Em 25 de dezembro de 1597 na barra do Rio Grande (Potengi), começaram os trabalhos de entrancheamento e abrigo, com varas cortadas do mangue próximo. No Dia dos Reis Magos, 06 de janeiro de 1598, deu-se início a construção de um forte, na praia, em pau-a-pique, barreados com lama do mangue. Arvorou-se a cruz sob as salvas da artilharia, hasteou-se a bandeira com as armas reais, e um sacerdote presente deu a benção. Daí a origem do nome, Fortaleza dos Reis Magos cuja planta de autoria do Frei Gaspar de Samperes, continha as características das construções coloniais portuguesas.

Em princípios de 1628 a Fortaleza estava concluída. Provida de nove canhões de ferro e quarenta soldados. Natal então já tinha oito casas e uma igreja.

Fortaleza e não forte, Hélio Galvão esclarece a dúvida: "*Forte é uma pequena edificação sem guarda permanente. Fortaleza, ao contrário, é um grande edifício com um contingente de soldados permanente.*"

#### **A Ocupação Holandesa**

Com a união ibérica e o domínio espanhol, inclusive nas colônias portuguesas, acentuaram-se as hostilidades entre Espanha e Holanda, sentindo-se os comerciantes holandeses lesados em seus interesses pelo comércio açucareiro.

A conquista do Recife marcou o início do domínio holandês no Nordeste. Mediante a resistência paraibana, voltaram-se as atenções para o Rio Grande, com excelente posição estratégica para o tráfego da área fiscal além da forte produção pecuária. Entraram em terras potiguares por Cunhaú, passando pelo Mipibú, a maior aldeia indígena, chegando até próximo de Natal, observando e examinando a Fortaleza dos Reis Magos.

Na manhã de 08 de dezembro de 1633, onze navios desembarcam em Ponta Negra. Seguiram em marcha sem encontrar resistência, chegando a tarde em Natal uma tropa tomou conta da vila e outra seguiu em direção a Fortaleza que dispunha de apenas 85 homens enquanto o invasor trazia em torno de 800.

A artilharia da Fortaleza tentou em vão impedir o acesso à barra. Sem perder tempo os holandeses iniciaram os preparativos bélicos: transporte de peças, abertura de trincheiras, aproximação com os nativos...

Naqueles tempos as dunas, agora mortas, eram bastantes elevadas, e sobre elas os holandeses sentaram suas baterias de ataques. A batalha durou 4 dias. Na manhã do dia 12 amanheceu hasteada a bandeira branca na Fortaleza.

A partir de 20 de dezembro a Fortaleza passou a chamar-se Kasteel Keulen, homenagem ao Diretor da companhia holandesa, presente na conquista. O período do domínio holandês no RN é uma história de barbárie a parte, marcada por chacinas e massacres.

Em fevereiro de 1654 o general Português Francisco de Figueiroa vem recebê-la, mas não encontra quem a entregue: o inimigo simplesmente abandonara a praça.

Curiosidades:

- A Fortaleza foi desmilitarizada em maio de 1907.
- Mede 2.808,93 m<sup>2</sup> de desenvolvimento.
- O primeiro comandante foi o general João Rodrigues Colaço e o último João da Fonseca Varela

Fonte: <http://www.nataltrip.com/materias/23>

## **Forte Reis Magos**



Texto: CLAUDIO MOREIRA BENTO (Coronel)

Ilustração: MÁRIO NEVES (Pintor)

Sua construção foi iniciada na foz do rio Potengi, no dia dos Reis Magos de 1598, para assinalar a posse portuguesa da terra ameaçada, desde o descobrimento, por franceses com apoio dos índios Potiguares.

No Natal do mesmo ano, foi inaugurada a 3 Km acima, a matriz da povoação, desde então denominada Natal. O forte pronto em junho teve como seu primeiro comandante o intrépido e legendário Jerônimo de Albuquerque, que dele partiu em 1614, para expulsar os franceses do Maranhão. Em 1631, os holandeses foram repelidos pelo forte. Em 12 Dez 1633, frota de 20 navios e 1500 soldados holandeses obrigaram o forte a render-se, depois de sua guarnição resistir com valor e coragem, durante dias. O comandante Pedro Mendes de Gouveia foi ferido e recusou-se a assinar a rendição, após a ocupação do forte. Em 1645 os holandeses em Uruaçú massacraram os brasileiros e portugueses prisioneiros no forte. Este permaneceu sob domínio holandês com o nome de castelo Ceulen por mais de 20 anos, até 1654, rendição holandesa na Campina da Taborá, no Recife. Foi reocupado pelo herói da 2ª Batalha de Guararapes, Francisco Figueiroa, que o encontrou evacuado e com tudo queimado pelo invasor, segundo Câmara Cascudo, "julgando assim fazer desaparecer o passado sujo de sangue e úmido de lágrimas".

Em 1688, para combater os índios que ameaçavam o Rio Grande do Norte, ali chegou e permaneceu 36 anos, o Terço dos Paulistas ao comando do Mestre de Campos Domingos Jorge Velho, tendo uma de suas companhias guarnecido do forte.

Em 1817, o coronel André Albuquerque Maranhão liderou em Natal a Revolução Pernambucana. Depois de ferido mortalmente, o cel André foi preso no forte, onde morreu. Era quarto neto de Jerônimo de Albuquerque. O forte foi reconstruído e ampliado em sua feição atual, durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870).

Em 1901, as imagens dos Reis Magos foram retiradas para a igreja de Natal.

Em 1903 o forte passou ao Ministério da Marinha e serviu de farol até 1953.

Foi guarnecido durante a 1ª Guerra Mundial com uma bateria Independente. Tombado pelo IPHAN em 1949, foi incorporado à Fundação José Augusto em 1965. Em 1975 foi tema de selo nacional.

Desde 31 Jan 1970, depois de restaurado, foi aberto à visitação pública, como testemunha ou agente, faz 4 séculos, segundo o cônego José Adelino Dantas, da Academia Norte Riograndense de Letras como "glória perene da história da gente e da terra Potiguar" ou "glória qualque Potiguarum tibi dico salutem".

O forte dos Reis Magos exerceu papel geopolítico e militar relevante. Inicialmente como defesa da cabeça-de-praia estabelecida para conquista do Rio Grande do Norte, além de base de partida para apoiar a conquista do Ceará, Maranhão e Amazônia, bem como da Paraíba.

Fonte: [www.resenet.com.br/ahimtb/fortbrasil.htm](http://www.resenet.com.br/ahimtb/fortbrasil.htm)

---

## Concessão das primeiras datas de terra

São cinco quilômetros de dunas e praias por onde trafegam os rios Cunhaú e Catu, tendo como cenário centenas de coqueiros. Ao visitante que chega à entrada da Barra de Cunhaú se deslumbra diante de uma enorme lagoa de água doce, no lugar do Oceano Atlântico. Antes de chegar ao mar propriamente dito, o turista presencia uma das raridades ecológicas do litoral potiguar: um manguezal de 40 quilômetros quadrados funciona como um grande viveiro de ostras e diversas criaturas marinhas. A fusão da lagoa com o mar a poucos metros quase não é notada pela beleza singular da localidade.

Distante 72 quilômetros ao sul de Natal, Barra do Cunhaú é ainda uma vilarejo de pescadores. Situa-se no município de Canguaretama e tem acesso fácil pela BR-101. Sua historia se inicia nos primeiros meses de 1600, quando o capitão-mor João Rodrigues Colaço concedia as primeiras datas de terra da Capitania do Rio Grande a Matias de Albuquerque e seu irmão, na localidade Cunhaú no atual município de Canguaretama. Nesse local, surgiria logo a seguir o engenho de Cunhaú e iniciava-se uma tradição de 400 anos, nos quais Albuquerque Maranhão deixou na história do Estado notáveis registros de bravura, escritos com o próprio sangue.

O engenho sobreviveu aos anos de saques e guerras. Surrupiado pelos holandeses a partir de 1621, foi palco do massacre do padre André Soveral e mais 68 mártires, às vésperas da beatificação e centro de conspiração na revolta de 1817. que rendeu o martírio de André e o sofrimento de dona Josefa, sua mãe que acabou morrendo de desgosto. Hoje, a capela já restaurada, recebeu a benção dos mártires beatificados, com seu chão fertilizado pelo sangue cristão derramado em defesa da fé, ao lado da lápide do seu fundador, Jerônimo de Albuquerque Maranhão, até então imaginado repousando nas terras do Maranhão que retomara dos franceses, mas que o pesquisador Olavo Medeiros Filho soube encontrar com seu espírito de investigação da história.

Em Barra de Cunhaú existem cerca de 12 pousadas e cinco restaurantes que servem comida caseira e frutos do mar. A maioria desses estabelecimentos é dirigida por estrangeiros ou brasileiros que escaparam das cidades grandes em busca de paz e tranqüilidade. A praia de águas cristalinas e vasta flora e fauna marítima oferece passeios de bugres pela orla, de jangadas e de barcas, tanto pelo rio Cunhaú, como também pelo mar até alcançar a Baía Formosa.



Fonte: <http://pousadarecantodoscoqueiros.com.br/praias.html>

## (Natal) Aspectos Históricos...

A história da Capitania do Rio Grande do Norte, teve início a partir de 1535 com a chegada de uma frota comandada por Aires da Cunha, a serviço do donatário João de Barros e do Rei de Portugal com o objetivo de colonizar as terras da região, porém impedida de fazê-lo pela forte resistência dos índios potiguares e piratas franceses, traficantes de pau-brasil. Estava iniciada a trajetória histórica da área situada na esquina da América do Sul. No dia 25 de dezembro de 1597, sessenta e dois anos após a frustrada tentativa de Aires da Cunha, uma esquadra comandada pelo Almirante Antônio da Costa Valente e integrada por Francisco de Barros Rego, Mascarenhas Homem e Jerônimo de Albuquerque, entrava na barra do rio Potengi, e com essa entrada histórica teve início a povoação em toda área.

A primeira providência da expedição foi tomar precauções contra o ataque invasor, e, doze dias depois da chegada, no dia 6 de janeiro de 1598, começaram a construção de um forte sobre os arrecifes situados nas redondezas da chamada Boca da Barra, que foi chamado de "Reis Magos", por sua construção ter sido iniciada no dia consagrado aos Santos Reis. O forte foi concluído no dia 24 de junho do mesmo ano e nas circunvizinhanças, logo, se formou um povoado que, segundo alguns historiadores, foi chamado de Cidade dos Reis, numa clara referência à edificação que lhe deu origem. Tempo depois o povoado mudou de nome, passando a se chamar Cidade do Natal. Para alguns escritores o nome Natal é explicado em duas versões: a primeira refere-se ao dia em que a esquadra penetrou na barra do Potengi e a segunda tem ligação direta com a data da demarcação do sítio primitivo da cidade, realizada por Jerônimo de Albuquerque, no dia 25 de dezembro de 1599.

Com a presença holandesa na região, a vida da cidade que começava a evoluir foi inteiramente mudada, e, no período de 1633 a 1654, ainda sob o domínio holandês, o Forte dos Reis passou a se chamar de Forte de Keulen e a Cidade do Natal, Nova Amsterdã. Com a saída dos holandeses, a vida da cidade voltou à normalidade, mas seu crescimento foi acentuadamente lento e gradual, nos primeiros séculos de sua existência. Segundo o historiador Câmara Cascudo, no livro História da Cidade do Natal, em 31 de dezembro de 1805, Natal tinha 6.393 habitantes, e no último ano do século XIX, a cidade já tinha uma população de 16.056 pessoas.

Somente a partir de 1922, a cidade começou a se desenvolver em ritmo mais acelerado.

As primeiras atividades urbanas tiveram início no bairro da Ribeira, situado na parte baixa da cidade, próximo a foz do rio Potengi, expandindo-se em direção ao centro, atual bairro da Cidade Alta. Na década de quarenta, a deficiente estrutura física da cidade, provocou o adensamento das áreas urbanizadas, sobrecarregando-as de novos logradouros, notadamente no bairro do Alecrim.

Pela sua privilegiada posição geográfica, localizada no litoral nordestino, na chamada esquina do continente ou esquina do Atlântico, Natal foi favorecida pelo advento da Segunda Guerra Mundial. A cidade cresceu e evoluiu com a presença de contingentes militares brasileiros e aliados, consumindo-se o seu progresso com a construção das bases aérea e naval, local de onde as tropas partiam para o patrulhamento e para a batalha, na defesa do atlântico sul e na realização das campanhas militares no norte da África; fatos esses que lhe valeram o cognome de Trampolim da Vitória.

**Gentílico: natalense**

**Formação Administrativa**

Distrito criado com a denominação de Natal, pela lei municipal nº 92, de 30-04-1904.

1904.

Elevado à categoria de vila com a denominação Natal. Sede no atual distrito de Natal. Instalado em 25-12-1599.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município aparece constituído de 3 distritos: Natal, Cidade Alta e Cidade Nova.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município aparece constituído do distrito sede. Não figurando os distritos de Cidade Alta e Cidade Nova.

Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pela lei estadual nº 146, de 23-12-1948, é criado o distrito de Parnamirim e anexado ao município de Natal.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 2 distritos: Natal e Parnamirim.

Pela lei estadual nº 53, de 21-12-1953, é criado o distrito de Redinha ex-povoado e anexado ao município de Natal.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o município é constituído de 3 distritos: Natal, Parnamirim e Redinha.

Pela lei estadual nº 2325, de 17-12-1958, desmembra do município de Natal o distrito de Parnamirim. Elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 2 distritos: Natal e Redinha.

Pela lei estadual nº 2987, de 03-12-1963, é criado o distrito de Igapó e anexado ao município de Natal.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 3 distritos: Natal, Igapó e Redinha.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VI-1995.

Em divisão territorial datada de 15-VII-1997, o município aparece constituído do distrito sede. Não figurando os distritos de Igarapó e Redinha, pois os mesmos foram anexados ao distrito sede de Natal.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedonorte/natal.pdf>

## Cemitério do Alecrim

Natal foi fundada em 25 de dezembro de 1599. Existe muita controvérsia sobre o fundador da cidade, uma vez que os holandeses, após serem expulsos da região pelos portugueses, destruíram alguns documentos oficiais ou levaram consigo para a Holanda. As especulações dos historiadores giram em torno de três nomes: Jerônimo de Albuquerque, Manuel Mascarenhas Homem e João Rodrigues Colaço. Existem duas hipóteses mais aceitas. Uma afirma que Jerônimo de Albuquerque, que teve grande participação no processo de pacificação do Rio Grande do Norte, foi o primeiro capitão-mor do Rio Grande do Norte e fundou Natal. A outra hipótese é que a cidade foi fundada por Manuel Mascarenhas Homem, capitão-mor de Pernambuco, onde ali chegou, em 1597, com o objetivo de construir um forte e uma cidade, por causa de sua localização estratégica – costa mais próxima da Europa, pelo roteiro da África – Tratava-se de uma região então dominada por corsários franceses e índios. Sua construção se deu a margem direita do Rio Potengi, próximo à foz, no Oceano Atlântico.

Natal ganhou ares de modernidade a partir do século XIX, quando o arquiteto Giacomino Palumbo montou um projeto arquitetônico que diferenciou a cidade das demais capitais nordestinas, com ruas e largas avenidas, para os bairros do Tirol e Petrópolis.

O Cemitério do Alecrim foi construído em 1856 com a proposta de ficar bem longe da cidade, pois corriam boatos aterrorizantes de que o cemitério das Rocas, o primeiro cemitério da cidade de Natal, estava assombrado. Fez-se uma trilha para a região oeste de Natal, seguindo a linha do trem, e acharam assim o terreno perfeito para construir o cemitério e a seguir a Igreja de São Pedro. Ele conta atualmente com 3900 túmulos, muitos dos quais ocupados por personalidades do estado que deixaram sua trajetória expressa na suntuosidade da última morada.

### Cronologia

**1535**– Uma armada portuguesa partiu de Recife rumo a região do Natal de hoje, para expulsar os invasores franceses que ali se apossaram de terras.

**1598** – Manuel de Mascarenhas Homem e seu grupo começaram a construir o Forte dos Reis Magos.

**1599** – Em 25 de dezembro, foi fundada a pequena vila batizada com o nome Natal, em referência à data de fundação;

**1614** –Reconstrução do Forte dos Reis Magos, sob comando do famoso arquiteto militar Francisco Farias. O forte foi reconstruído com pedras, uma vez que fora construído inicialmente de taipa e areia e acabou não resistindo à fúria do mar.

**1633** – Invasão holandesa em Natal;

**1654** – Os holandeses foram expulsos de Natal;

**1701** – A capitania do Rio Grande do Norte passou a ser subordinada à capitania de Pernambuco;

**1824** – Recebeu status de província;

**1856** – Construção o Cemitério do Alecrim;

**1889** – Com a proclamação da República, tornou-se Estado.

**1922** – Início da modernização de Natal, no governo de Pedro Velho;

**1930** – Natal inicia um acelerado processo de urbanização.

**Década de 1940**– O aeroporto de Parnamirim foi utilizado para abrigar uma base militar, pois tinha posição estratégica para servir os aliados baseados no norte da África. Nessa base milhares de soldados americanos passaram os anos de guerra em Natal.

**1948** – Fundação da Funerária São Francisco, por Aurino Vila.

**1993** – Inauguração do Cemitério Morada da Paz, na zona sul de Natal.

**2005** - Conhecida por Cidade do Sol, Natal é uma terra que desperta aos turistas paixão pelo aconchego do seu povo e pelas paisagens paradisíacas. São praias, dunas, arrecifes e falésias.

---

## Expansão Européia Pela Via Marítima

A Europa, no final do século XV, se encontrava presa em seus limites, sentindo a necessidade de se expandir. O comércio das especiarias, monopolizado pelas cidades italianas e desenvolvidas do Mediterrâneo, prejudicava o restante dos países do continente. A razão era muito simples: os produtos eram vendidos por um preço muito alto. A necessidade de quebrar esse monopólio passou a ser uma questão de sobrevivência para uma economia monetária, como narrou Rolando Mausmier: "o numerário é totalmente insuficiente para as monarquias e para um comércio em plena expansão". Era preciso, com urgência, encontrar ouro. Como diversas lendas colocassem grandes tesouros na África e na Ásia, os europeus sonhavam em se apossar dessas fortunas. Era preciso, também, acabar com os intermediários, e o país que realizasse tal feito obteria lucros fabulosos.

Além da necessidade de conseguir ouro, a Europa se encontrava apertada entre o mar e seus inimigos. Em 1453, com a tomada de Constantinopla pelos turcos, o caminho para o oriente se fechava para os europeus. A situação ficava crítica. Havia uma solução apenas: atingir o Oriente pela via marítima/

Portugal, por sua posição geográfica, se lançou ao mar mais cedo. Adquirindo experiência nessas viagens, saía na frente em busca de um caminho marítimo para o Oriente. Seria a salvação do império lusitano. Havia outro motivo: as condições eram precárias para as atividades agrícolas em Portugal, razão pela qual a sua população tinha que tirar o alimento do mar. Pescando, os lusitanos foram se afastando do litoral, atingindo a Terra Nova, rica em bacalhau, salmão etc. Aos poucos, e como consequência dessas empreitadas, os portugueses foram aperfeiçoando os seus navios. No século XV, as galeotas e as galés de dois mastros haviam sido ultrapassadas, surgindo as barcas, barinés e as caravelas, que se immortalizaram durante as grandes descobertas.

A expansão marítima, organizada de maneira sistemática pelos lusos, começou com a conquista de Ceuta, em 1415. Toda viagem através do Oceano Atlântico, naquela época, era uma perigosa aventura,

porque ninguém garantia o retorno. Após a conquista da Ceuta, os navegantes passaram a receber estímulos, sobretudo do infante D. Henrique que, por essa razão, foi chamado de "O Navegador". Acontece que a vida desse personagem foi envolvida por uma série de lendas. Como resultado, a sua personalidade foi exaltada, até ao exagero, por alguns historiadores, quer portugueses, quer brasileiros.

Pedro Calmon é um deles: "deu-se perdidamente às ciências, casto e austero (...) de fulgurações de lenda, leitor insaciável, colecionador de tudo o que se escrevera sobre cosmografia e navegação, transferiu para Vila de Terça Naval, junto de Sagres e do Cabo de São Vicente, o séquito de matemáticos judeus, cartógrafos catalães, pilotos de várias origens, e outros que para isto educava e com eles criou um seminário de estudos náuticos chamando-lhe, sem rigor verbal, Escola de Sagres. Foi na verdade uma escola, mas de obstinado trabalho, em que era aluno e mestre aquele príncipe letrado".

Tudo porém não passa de uma lenda. O infante D. Henrique não possuía um vasto sobre a Escola de Sagres jamais existiu, seja qual for o sentido que se queira dar a ela. Nem como uma escola no significado clássico da palavra, nem como um grupo de especialistas que discutissem problemas náuticos. Os avanços técnicos ocorridos com os navios portugueses foram consequência da experiência adquirida através de suas inúmeras viagens pelo Atlântico, o que, certamente, não diminuiu o mérito daqueles viajantes e das conquistas feitas pelo império lusitano.

É preciso também deixar bem clara a causa principal da expansão marítima de Portugal. Para justificar sua expansão, os portugueses alegaram a defesa do cristianismo. Tinham como divisa "A propaganda da Igreja de Cristo e a conversão dos infieis", dando a impressão de que se tratava de uma nova cruzada. Acontece que o objetivo era real outro bem diferente: a busca desesperada pelo ouro.

A conquista da Ceuta demonstrou tal fato. O escritor Georg Friederici narrou com muito realismo o ataque português contra Ceuta: "entregaram-se, de súbito, a tremenda chacina, não respeitando a idade, nem sexo, não poupando mulheres nem crianças. Seguiram o saque e a devastação vandálica: os assaltantes devassavam, remexiam e escavavam. Depredavam os magníficos prédios preciosos e jóias. Os lusitanos semi-bárbaros arrebatavam as jóias das mulheres e das moças, arrancado-lhes e cortando-lhes as orelhas e os dedos".

A finalidade da expansão europeia era, tão somente, a busca de riquezas. E mais: durante o processo de colonização no continente americano, portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e ingleses se igualaram no vandalismo. Contrariando, assim, os princípios cristãos que diziam defender... A evangelização dos gentios se resumia apenas ao trabalho dos missionários. Os colonos, contudo, procuravam explorar os nativos, realizando às vezes, verdadeiros massacres.

Frei Bartolomeu de Las Casas, considerado o "Apóstolo dos Índios", denunciou as crueldades dos espanhóis durante a conquista: "faziam apostas sobre quem, de um só golpe de espada, fenderia um homem pela metade, ou quem, mas habilmente e mais destramente, de um só golpe lhe cortaria a cabeça, ou ainda sobre quem abriaria melhor as entranhas de um só golpe".

## **Cristóvão Colombo Descobre a América**

Antes da unificação da Espanha, o Reino de Aragão, desde o século XII, estava voltado para o Mediterrâneo: "Mesmo após a criação do Estado Nacional, a coroa espanhola seguiu dupla orientação: europeia e mediterrânea, segundo interesses aragoneses, americana e atlântica, atendendo às aspirações castelhanas", como registra o livro "História das Sociedades - das sociedades modernas às sociedades atuais", de Rubim Santos de Aquino e outros autores. Mais tarde, quando se criou o Estado Nacional, com a expulsão dos muçulmanos, a Espanha não se preocupou em navegar pelo Ocidente para atingir o Oriente.

Essa política tinha uma série resistências. O seu grande defensor era um estrangeiro, filho de Gênova, chamado Cristóvão Colombo. E a viagem só se efetivou graças ao apoio de dois grupos poderosos: o católico, liderado por Luís de Santangel. Colombo, na realidade, não pensava em descobrir um continente e no entanto foi o que aconteceu. A partir desse momento (1492), a Espanha teve que valorizar uma política Atlântica, principalmente após as descobertas de minas de prata e de ouro no continente americano.

As consequências do descobrimento ultrapassaram os limites das fronteiras do império hispânico e se tornaram universais: "a Europa também se transforma graças, sobretudo, ao ouro e à prata, vindos do novo continente. A exploração das colônias, na América, promove a formação de grandes riquezas, cujo capital foi aplicado na indústria. Surge, assim, o regime capitalista", como comentou Alberto Pinheiro de Medeiros, no trabalho "A descoberta da América e as Mudanças", publicado no seminário "Dois Pontos", em outubro de 1992.

## **Ambições Ibéricas e a Descoberta do Brasil**

As ambições expansionistas da Espanha e Portugal entravam em conflito. Portugal consegue, com D. João (1418) do Papa Martinho V. a bula Sane Charissimus. Seguem outras bulas: Eti Suscepti (1442), Romanus Pontifex (1454), Inter Coetera (1456).

Após a descoberta da América por Cristóvão Colombo, a Espanha entra na briga, procurando obter benefícios da Igreja, graças ao prestígio que desfrutava na Cúria Romana. As bulas iam saindo, refletindo a maior ou menor influência de uma das duas potências ibéricas, em dado momento provocando, inclusive, o protesto do teólogo Francisco Vitória.

Finalmente, Espanha e Portugal chegaram a um acordo. Com o Tratado de Tordesilhas (7 de junho de 1494), o mundo ficaria dividido entre as duas potências ibéricas.

Descoberto o caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama, D. Manuel prepara uma grande esquadra que parte rumo ao Oriente. O comando da armada é entregue à Pedro Álvares Cabral, alcaidemor de Asurara que, segundo Pedro Calmon, "pertencia à melhor gente da beija, cujo grande feito foi, justamente, a descoberta do Brasil".

Como diz ainda o mesmo autor, a armada "ia defrontar o ignoto, nas paragens do Índico: a paz ou a guerra. Devia ser forte. Foi preparada com magnificência: não mais para descobrir \, como a de Vasco da Gama, mas para aliciar ou intimidar o "samorin" de Calecute, nos Estados opulentos".

Participavam da armada nomes ilustres: Nicolau Coelho, Sancho de Tovar, Péro Escobar, Pedro de Ataíde, Vasco de Ataíde, o bacharel mestre João etc.

No dia 9 de março de 1500, após missa solene no dia anterior, Cabral e seus companheiros iniciavam a viagem. Roteiro: ilhas Canárias, São Nicolau. No dia 23, a nau de Vasco de Ataíde desapareceu. No mês seguinte, no dia 22, os expedicionários avistam um monte que recebeu o nome de Monte Pascoal.

Nicolau Coelho manteve os primeiros contatos com os nativos. Foram celebradas duas missas, ambas por Henrique Coimbra. A primeira, num domingo, dia 26 de abril de 1500, e a segunda, no dia 1º de maio.

No dia seguinte, a esquadra partia rumo ao Oriente. Estava, oficialmente, descoberto o Brasil. O acontecimento foi narrado de maneira brilhante na carta de Pero Vaz de Caminha.

### **A Carta de Pero Vaz de Caminha**

A carta de Pero Vaz de Caminha narrando a descoberta do Brasil, já muito estudada, foi reproduzida na íntegra em alguns livros de História do Brasil. A quase totalidade desses estudos se caracteriza pela erudição. A Dominus lançou uma edição pioneira para o grande público, sem se perder em vulgaridade, contando com uma introdução que é um pequeno estudo sobre aquele documento, escrito por Leonardo Araújo.

A carta foi redigida por uma testemunha ocular do fato, mais do que isso, um eminente humanista. Não é apenas um relatório narrando as peripécias dos navegantes lusitanos numa viagem marítima. Fornece subsídios para uma melhor compreensão daquele acontecimento.

A descrição, pela primeira vez, da terra descoberta é, talvez, a parte do texto mais conhecida: "as saber, primeiramente, de um grande monte, muito alto e redondo: e de outras serras mais ao sul dele, e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de o Monte Pascoal e à terra a Terra de Vera Cruz!

Grande observador, descreve os homens da terra com riqueza de detalhes: "A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem coberta alguma (...) Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como furador (...). Os cabelos são corredios".

Narra também o contato de homens que possuíam culturas diferentes e que nativos e portugueses procuravam se entender através de gestos, na falta de conhecimento do idioma do interlocutor. Surgindo, naturalmente, alguns desentendidos: "acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do capitão (que era de ouro) como se dariam por aquilo".

"Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejamos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque lhe havíamos de dar!" E mais adiante: "Ali por não houve fala ou entendimento com eles, por a barbaria deles ser tamanha que se não entenderia nem ouvia ninguém". Lança, portanto, a culpa do não entendimento na barbaria em que se encontravam os nativos. Essa observação não passa de uma prova a mais do etnocentrismo europeu. Os brancos eram os "civilizados", os seres superiores; e os donos da terra, ao contrário, pobres coitados ...

Mas não se pode dizer que o referido documento seja a primeira página da História do Brasil por uma razão muito simples: a História do Brasil começa quando chegaram nesta terra os primeiros homens, numa época bem anterior à vinda dos europeus.

A carta de Pero Vaz de Caminha é, no entanto, um relato longo, minucioso, com dados importantes, fornecendo subsídios não somente para a História do Brasil, mas ao mesmo tempo para outras ciências, como, por exemplo, a antropologia.

Com ela se encerra a fase pré-histórica do País, começando um novo período: o da história escrita, entrando a terra descoberta para o clube do mundo dos "civilizados" ... E os portugueses, certamente, não estavam sozinhos. Portugal teria que enfrentar uma grande concorrência e teve que lutar muito para ficar de posse definitiva do Brasil.

### **Tese Ousada: Cabral no Litoral Potiguar**

Lenine Pinto, pesquisador norte-rio-grandense, afirma que a expedição de Pedro Álvares Cabral, que descobriu o Brasil, ao contrário do que se tem dito até hoje, teria pela primeira vez atingido o Brasil provavelmente na praia de Touros, em abril de 1500.

Klécius Henrique, repórter da TRIBUNA DO NORTE que entrevistou o escritor, escreveu o seguinte: "Lenine Pinto argumenta que Cabral em sua viagem rumo à Índia teria seguido a volta do mar numa manobra a partir do Cabo Verde, a oeste, coroneando a corrente subequatorial do Atlântico que se bifurcava no Cabo de São Roque, numa aproximação dramática do litoral potiguar, onde teria aportado em 22 de abril de 1500".

Lenine Pinto desenvolveu, entre outros, o seguinte argumento: "João da Nova, em 1501, quando saiu à procura de Cabral, de Cabo Verde, levou trinta dias para chegar ao cabo de São Roque. Como Cabral, no mesmo tempo, chegaria ao sul da Bahia?

"A duração da viagem de Cabral, Portugal-Brasil, é muito importante. É preciso, portanto, saber o tempo que se gastaria para realizar a viagem Portugal-Touros e a viagem Portugal-sul da Bahia, naquela época.

Lenine diz ainda o seguinte: "Há muitos locais no RN semelhantes aos narrados por Caminha na carta ao rei D. Manuel". Acontece que fica difícil acreditar que os historiadores não tenham percebido antes



o erro, afirmando que o lugar atingido por Cabral foi o sul da Bahia. A distância é muito grande. Como explicar tal equívoco?

A tese foi lançada. A dúvida poderá ser dissipada quando Lenine Pinto publicar o seu livro "Reinvenção do Descobrimento do Brasil".

Fonte: Tribuna do Norte

[http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist\\_m\\_1b.htm](http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_m_1b.htm)

---

Prioridade Européia

## Controvérsias Sobre a Presença Espanhola

A prioridade da descoberta do Brasil continua sendo uma questão polêmica. Para alguns estudiosos, os espanhóis chegaram primeiro. Varnhagen, por exemplo, defende que Alonso de Ojeda teria atingido o delta do Açu no Rio Grande do Norte. Outros autores concordam que o navegador espanhol visitou o Brasil, divergindo apenas do local. "Vinguand discorda e aponta como sendo o local correto as proximidades do Cabo de São Roque". Capistrano de Abreu e outros autores negam que Ojeda tivesse passado pelo Brasil.

A viagem de outro navegante espanhol também é alvo de discussões. Parece que Vicente Yañez Pinzon teria realmente vindo ao Brasil. Robert Southey chegou a afirmar o seguinte. "A primeira pessoa que descobriu a costas do Brasil foi Vicente Yañez Pinzon".

Segundo os cronistas, no dia 26 de janeiro de 1500, Pinzon chegou a um lugar que denominou de Santa Maria de la Consolación. A controvérsia que existe é sobre onde ficaria essa Santa Maria de La Consolación. Para uns, seria o cabo de Santo Agostinho. Varnhagen indica a Ponta de Mucuripe. Guanino Alves, que pesquisou a viagem de Vicente Pinzon, discorda e indica a ponta de Itapajé, no litoral norte do Ceará, como o local certo. O fato é que o navegante hispânico tomou posse da terra em nome da Espanha. E deu à região visitada o nome de Rostro Hermoso. Depois, Pinzon se dirigiu para o Norte, chegando até a foz do rio Amazonas, que denominou de Santa Maria de la Mar Dulce.

Outro navegador espanhol que provavelmente passou pelo Rio Grande do Norte foi Diego de Lepe e, segundo alguns pesquisadores, teria atingido a enseada do Açu.

Apesar das controvérsias, não se pode negar que os espanhóis antecederam aos portugueses na descoberta do Brasil, considerando que estiveram no País antes de abril de 1500.

Prioridade Européia

## Os Franceses no Rio Grande do Norte

Quando os franceses foram expulsos do Sul do País seguiram rumo ao Norte, mantendo um ativo comércio com os nativos. Não conseguiram no entanto instalar uma colônia. Chegaram a contar com um intérprete: "Um castelhano tornado potiguar, beijo furado, tatuado, pintado de jenipapo e urucu, falando o nheengatu em serviço dos franceses com os quais se foi embora", narrou Câmara Cascudo. A base deles era o Rio Grande do Norte.

Os franceses passaram a fazer investidas contra a Paraíba, com o apoio dos potiguares. O ataque mais audacioso se realizou entre 15 a 18 de agosto de 1597. Portanto treze navios, o embate se deu com a fortaleza de Santa Catarina de Cabedelo, sob o comando do aventureiro Jacques Riffault, que desembarcou trezentos e cinqüenta homens. E mais: "Vinte outras naus reforçaram a investida, esperando a ordem no rio Potengi". Não foi um simples assalto de corsários, mas se constituiu uma verdadeira batalha. A fortaleza foi defendida por apenas vinte soldados. A artilharia contava com cinco peças. Os portugueses resistiram ao ataque, forçando os franceses a baterem em retirada.

Vilma Monteiro analisa a importância dessa vitória: "Determina os novos rumos da conquista da região Norte. Permite a posse efetiva da Capitania do Rio Grande, seu povoamento e colonização, com isso abrindo as portas para a expansão civilizadora sobre novos territórios".

Os franceses, diante desse quadro, ameaçavam a Paraíba; após a caída desta, a próxima conquista seria Pernambuco ...

Foram eles que iniciaram o processo de miscigenação entre europeus e americanos na região. Dois aventureiros se destacaram: Charles de Voux e Jacques Riffault. Ainda hoje um local guarda no nome a lembrança de Riffault, no bairro do Alecrim em Natal, onde se ergueu a Base Naval (Refoles).

Prioridade Européia

## A Era Lusitana e o Marco de Posse

A primeira expedição que alcançou terras potiguares foi a de 1501. Essa viagem, iniciada no dia 10 de maio de 1501, se encontra envolvida em controvérsias. A começar sobre quem a teria comandado. Alguns nomes são apresentados: D. Nuno Manoel, André Gonçalves, Fernando de Noronha, Gonçalo Coelho e Gaspar de Lemos - o nome mais aceito. Quem participou também dessa expedição foi Américo Vespúcio.

Após sessenta e sete dias de viagem, foi alcançado o Rio Grande à altura do Cabo de São Roque e, segundo Câmara Cascudo, ali foi plantado o marco de posse mais antigo do País, registrando-se, na ocasião, contatos entre portugueses e potiguares.

O povo, por causa dos desenhos em forma de cruz no Marco de Posse, acreditou ser ele milagroso, surgindo assim, um culto. Oswaldo Câmara de Souza disse o seguinte: "O culto popular chegava às raias do fetichismo, havendo a crença absurda do que um chá preparado com fragmentos da pedra tinha poderes milagrosos, trazendo alívio e cura às mazelas do corpo e do espírito".

Nesse período, o governo lusitano, verificando que o litoral brasileiro estava sendo visitado por corsários, entre eles aventureiros franceses, resolveu enviar expedições militares para defender sua colônia. Foram as chamadas expedições guarda-costas, sendo consideradas as mais marcantes aqueles que vieram sob o comando de Cristóvão Jacques, entre 1516 a 1519 e 1526 a 1528. Uma iniciativa ingênua, considerando a imensa extensão do litoral. É o próprio Cristóvão Jacques que sugere o início do

povoamento como solução para resolver o problema. Eminentemente portugueses aprovaram e defenderam a idéia. D. João III, então envia uma expedição colonizadora chefiada por Martim Afonso de Souza.

A base estava lançada e em 1532 fundava-se São Vicente, no Sudeste do País, o que era muito pouco pois o Brasil possuía dimensões continentais. Cristóvão Jacques, entre outras coisas, sugere que se aplicasse no Brasil um sistema que já vinha sendo feito nas ilhas do Atlântico: o das Capitânicas Hereditárias. Uma, na realidade, já havia sido criada em 1504 por D. Manuel, a de Fernando de Noronha. D. João III adota oficialmente o sistema no Brasil, criando quatorze capitânicas no período compreendido entre 1534 e 1536. Entre elas, a de João de Barros, no futuro Rio Grande, como lembra Câmara Cascudo, "começando da Baía da Traição (Acejutibiró, onde há cajus azedos, segundo Teodoro Sampaio), limite norte da Donatária Itamaracá, pertencente a Pero Lopes de Souza, até a extrema indefinida".

A capitania possuía cem léguas de extensão. Em 1535, João de Barros, Aires da Cunha e Fernão Álvares prepararam a maior esquadra particular que havia saído do Tejo até aquele momento: "Com cinco naus e cinco caravelas, novecentos homens e mais de cem cavalos". O comando coube a Aires da Cunha. O governo investiu também nessa expedição: "D. João III emprestara artilharia, munições e armas retiradas do próprio Arsenal Régio", informa Câmara Cascudo. Por essa razão, muitos eram de opinião que Aires da Cunha pretendia, além de fundar colônias no Norte do Brasil, atingir o Peru pelo interior... Formando mais uma controvérsia ...

Varnhagen fala de um conflito entre nativos e portugueses à altura do rio Ceará-Mirim, Câmara Cascudo nega o incidente, afirmando que Varnhagen "arquitetou tal viagem". É taxativo: "Aires da Cunha nunca esteve no Rio Grande do Norte". Passando pelo litoral potiguar, o navegante seguiu viagem rumo ao Norte.

A expedição foi um fracasso total com a morte de Aires da Cunha. Os portugueses conseguiram fundar, ao Norte, o povoado de Nazaré, onde permaneceram três anos. Morreram setecentos homens. Os expedicionários partiram em busca de melhor sorte. Os resultados, porém, foram péssimos. Alguns foram jogados nas Antilhas; outros atingiram Porto Rico. E um grupo formado por São Domingos e João de Barros conseguiu reaver seus filhos que, quando regressavam de Nazaré, numa tentativa infrutífera, procuravam colonizar o Rio Grande. Foi nessa oportunidade que teria ocorrido o conflito entre potiguares e lusitanos, mencionado por Varnhagen. Mesmo fracassando, essa foi, na opinião de Câmara Cascudo, "a primeira tentativa de colonização no Rio Grande do Norte".

#### A Fundação de Natal

### Disputa Acaba em União Peninsular

O cardeal D. Henrique assumiu o governo português em 1578. O prelado contava sessenta e seis anos e, como não tinha filhos, criava um problema para a sucessão do trono português. No dia 31 de janeiro de 1580, o governante morreu.

Entre os diversos pretendentes ao trono, três netos de D. Manuel se apresentavam com maiores possibilidades: D. Antônio, prior do Crato, D. Catarina e Felipe II, rei da Espanha renunciou a favor de Felipe II. A disputa se reduziu entre D. Antônio, que era filho bastardo do infante D. Luís, e o monarca espanhol, que era o mais poderoso pois contava com o apoio de importantes figuras da nobreza e do clero lusitano. Os dois rivais partiram para a disputa armada. D. Antônio enfrentou as tropas fiéis a Felipe II, chefiados pelo duque de Alba, sendo posteriormente derrotado.

A crise abalou profundamente Portugal e no dia 28 de junho, como narra Jânio Quadros, "iniciou-se a tomada de Portugal pelos duques de Alba, enquanto setenta e duas galés sob o comando do marquês de Santa Cruz, acompanhadas de setenta naus, chalupas e caravelas, encetavam as operações navais. As cidades, vilas, lugares e povoações caíram uma a uma em poder dos invasores, a despeito, aqui e ali, dos esforços dos partidários de D. Antônio em contê-los".

D. Felipe não agiu somente pela força das armas, fez praticamente, tudo. Propostas tentadoras aos membros da nobreza, além do apoio da Companhia de Jesus. Em síntese, ele comprou o apoio recebido de seus adversários com ouro e também através de seu poderio militar.

Tudo isso porque Felipe II tinha grandes interesses na anexação de Portugal ao reino espanhol: "O grande palco dos efeitos políticos espanhóis na era filipina havia sido, até aquela data, o Mediterrâneo, seria através desta unificação que a Espanha passaria a tomar parte na grande era atlântica inaugurada por Portugal", segundo a "História Geral da Civilização Brasileira", Vol. I. Por outro lado, os portugueses já participavam das atividades comerciais espanholas. Era importante para a Espanha a anexação do reino lusitano, justificando assim todo o empenho do monarca hispânico. Não foi difícil ocupar Portugal. Venceu Felipe II e, em 1581, as cortes de Tomar aclamaram-se rei de Portugal. Estava efetivada a "União Peninsular", que terminaria apenas no ano de 1640.

Para o Brasil, esse período foi uma fase altamente positiva. Exemplo: a conquista do Norte e Nordeste do País.

#### A Fundação de Natal

### O Interesse de Filipe II Pelo Rio Grande

Os franceses se fixaram no litoral potiguar sem necessidade de dominar o nativo e, justamente por essa razão, tiveram a população local como aliada. Escondiam suas naus no rio Potengi e, de sua base, se lançavam contra os colonos portugueses que se encontravam na Paraíba. O Rio Grande era, de fato, uma área estratégica. Da região, os franceses podiam se deslocar para o norte e igualmente para o sul.

Filipe II, ao anexar Portugal e suas colônias, sentiu a situação de abandono em que estava parte do Nordeste e todo o Norte do Brasil. E o que era pior: a constante ameaça que representava a permanência dos franceses no Rio Grande. Tendo em vista essa situação, o monarca não perdeu tempo. Através de duas Cartas Régias (9 - 11 - 1596 e 15 - 03 - 1597), determinou a expulsão do inimigo e que fosse construída uma fortaleza e ainda, fundada uma cidade. Em síntese: conquistar o Rio Grande, consolidando tal feito

através da colonização. Por essa razão, um fato deve ficar bem claro: a expulsão dos franceses do Rio Grande foi uma iniciativa de Filipe II, o que significa dizer, hispânica.

A Fundação de Natal

## **A Expedição de Manuel Mascarenhas Homem**

A conquista do Rio Grande não se apresentava como sendo uma tarefa fácil. E foi por assim compreender que D. Francisco de Souza, governador-geral do Brasil, determinou que o capitão-mor de Pernambuco, Manuel Mascarenhas Homem, tomasse todas as providências para que se organizasse uma grande expedição militar com o objetivo de que as ordens de Filipe II fosse executadas. Assim foi feito. Uma poderosa expedição foi organizada. Desta, uma parte iria por mar com uma esquadra formada por sete navios e cinco caravelões, sob o comando de Francisco de Barros; e outra seguiria caminhando por terra, liderada por Feliciano Coelho, capitão-mor da Paraíba.

Manuel Mascarenhas Homem assumiu o comando geral, agindo com o máximo de empenho para que nada faltasse a fim de que os objetivos fossem alcançados: expulsar os franceses, construir uma fortaleza e fundar uma cidade. Participaram da jornada um grupo de religiosos: os jesuítas Gaspar de Samperes (autor da planta da futura fortaleza) e Francisco Lemos, e mais dois franciscanos - Bernadino das Neves, que funcionava como intérprete, e João de São Miguel.

Narra Câmara Cascudo: "Feliciano Coelho partiu por terra com as quatro companhias pernambucanas e uma paraibana capitaneada por Miguel Álvares Lobo, num total de 178 homens e 90 indígenas guerreiros de Pernambuco e 730 da Paraíba, com seus tuixauas prestigiosos e bravos: Pedra Verde (Itaobi), Mangue, Cardo-Grande etc. a 17 de dezembro de 1597 o exército marchou. Mascarenhas viera com as naus".

Acontece que as forças terrestres foram atingidas pela varíola, sendo obrigadas a retroceder, com exceção de Jerônimo de Albuquerque que se uniu à expedição marítima. Havia uma justificativa: Jerônimo desfrutava de grande prestígio entre os nativos.

A viagem pelo mar continuou e, no caminho, sete naus franceses fugiram para evitar um confronto com a esquadra lusitana.

No dia 25 de dezembro, a frota luso-espanhola atingia o rio Potengi. No final do ano de 1997 esse fato completa exatos quatrocentos anos.

A primeira providência dos invasores foi fazer um entricheiramento com varas de mangue para que pudessem se defender das investidas dos potiguares. Medida acertada, porque não demorou muito os nativos atacaram com toda violência. Era a guerra que começava. Com o passar dos dias, os luso-espanhóis começaram a perder terreno no conflito armado. A situação se agravou a tal ponto que ficou crítica, como narrou Vicente Salvador: "Depois de continuar os assaltos que puseram os nossos em tanto aperto que escassamente podiam ir buscar água para beber a uns poçozinhos que tinham perto da cerca".

O quadro era muito triste: mortos, feridos e doentes. O clima ficava, a cada momento, mais insustentável. Foi quando, providencialmente, chegou Francisco Dias com reforço, evitando uma humilhante derrota. Servindo para que os luso-espanhóis pudessem manter a posição onde se encontravam. Não fosse a chegada de Feliciano Coelho, que partiu da Paraíba com mais soldados, armas e munições, tudo estaria perdido. A situação, ainda assim, continuava delicada. Era preciso negociar a paz com urgência.

A Fundação de Natal

## **A Imponente Fortaleza dos Reis Magos**

A fortaleza de madeira não foi construída, como pensava Câmara Cascudo, em um "arrecife a setecentos e cinquenta metros da barra do Potengi". A razão é muito simples: naquele local, a construção não suportaria o impacto das águas. O edifício, esclarece Hélio Galvão, foi erguido na praia.

A planta da fortaleza, apesar de ser contestada por alguns autores, foi feita pelo padre Gaspar de Samperes. Segundo a arquiteta Jeanne Fonseca Leite, "a concepção 'antropomorfa' dos italianos encontrou acolhida por parte do padre Samperes que a introduziu no seu projeto destinado à construção da Fortaleza dos Reis Magos".

Fortaleza e não forte, Hélio Galvão esclarece a dúvida: "Forte é uma pequena edificação sem guarda permanente. Fortaleza, ao contrário, é um grande edifício com um contingente de soldados permanente. A fortaleza, localizada na barra do Potengi, se destaca pela sua beleza e pela sua imponência. Não poderia ser de maneira alguma um forte".

Para Hélio Galvão, que pesquisou exaustivamente sobre a Fortaleza, o nome correto seria Fortaleza da Barra do Rio Grande. O problema não é tão simples. Naquela época se usava de maneira indiferente mais de um nome para indicar um prédio público. Aquele edifício pode ser chamado também de Fortaleza dos Reis Magos, o que não pode, certamente é designá-lo por "Forte dos Reis Magos", que por sinal é a versão popular usada de maneira errada pelos cronistas tradicionais.

Os trabalhos de construção da fortaleza começaram no dia 6 de janeiro de 1598. Hélio Galvão explica o seguinte: "O trabalho se desenvolvia entre dificuldades e imprevistos, a ameaça constante de índios e franceses, a atenção dos homens voltada para a vigilância do acampamento. Diríamos que Mascarenhas Homem lançou a pedra fundamental e a partir daí ninguém parou. O material foi chegando, as pedras que vinham de Lisboa lastrando os navios eram guardadas, acumulava-se cal e os implementos imprescindíveis eram providenciados".

A primeira fortaleza, a de madeira, foi concluída no dia 24 de junho de 1598. E tinha, como descreveu Câmara Cascudo, "a forma clássica do forte marítimo, afetando o modelo do polígono estrelado".

Em 1614, o engenheiro-mor do Brasil, Francisco Frias de Mesquita, realizou trabalhos na fortaleza, fazendo pequenas modificações sem alterar a planta original. A obra foi concluída somente em 1628.

A Fundação de Natal

## **Paz Firmada e Posse Definitiva da Terra**

A capitania se chamava, no início, do Rio Grande, passando a incluir "do Norte" quando surgiu outra de igual nome, no Sul do País.

Não houve, no Rio Grande, uma conquista. A expedição de Manuel Mascarenhas Homem estava praticamente derrotada. Os missionários saíram da fortaleza para se transformarem em embaixadores da paz. Um passo significativo nesse sentido foi dado quando os nativos conseguiram distinguir os militares e colonos dos sacerdotes. O padre Francisco Pinto foi, na realidade, o grande e incansável apóstolo. Percorreu o sertão, enfrentou múltiplas vicissitudes. Nos momentos mais difíceis conseguia reunir novas forças graças à sua fé, operando verdadeiros milagres na obra de persuasão.

Primeiro, a catequese e, através dela, o padre Francisco Pinto e seus companheiros missionários procuravam levar os silvícolas para o lado dos portugueses. O padre Pero Rodrigues, numa carta, transcrita por Hélio Galvão, registra o trabalho árduo e difícil dos religiosos. Os padres ajudavam ao exército com os acostumados exercícios da Companhia, que eram "a edificação de todos, pregando, confessando, fazendo amizades e não se negando a nenhum trabalho, de dia e de noite, como no acudir aos índios nossos amigos, que nos ajudavam na guerra, por adoecerem gravemente de bexigas e, quando era possível, acudiam a curar e consolar na morte".

No processo de pacificação, os missionários não agiram sozinhos. Contaram com o apoio de alguns chefes nativos: Mar Grande e Pau Seco, entre outros. Os líderes potiguares foram negociar a paz com os brancos porque as suas mulheres exigiram o fim das hostilidades. Contribuíram também com o processo de cristianização de seus irmãos ao lado dos missionários.

Não se pode esquecer, igualmente, o desempenho de Jerônimo de Albuquerque que foi de suma importância. Filho de Jerônimo Santo Arco Verde (Ubirá - Ubi) que, por sua vez, era filha do chefe nativo Arco Verde. Mestiço, possuía sangue tupi em sua veia; corajoso e hábil, falando o idioma nativo, desfrutava de grande influência entre os habitantes de todo o Nordeste.

A paz era o anseio das duas facções em luta e as negociações obtiveram êxito. Terminadas as hostilidades, Manuel Mascarenhas Homem partiu para a Bahia, com o objetivo de relatar os acontecimentos ao governador, D. Francisco de Souza que, sem demora, determinou que fossem solenemente celebradas as pazes. Isso aconteceu no dia 11 de junho de 1599, na Paraíba, na presença de muitas autoridades - Mascarenhas Homem; Feliciano Coelho de Carvalho, ouvidor-mor geral, e Brás de Almeida; de diversos chefes nativos; do intérprete frei Bernadino das Neves e do apóstolo dos potiguares, padre Francisco Pinto. As pazes foram finalmente ratificadas e estava assim assegurada a posse definitiva da terra, ou mais precisamente da Capitania do Rio Grande.

Um presente dado por Felipe II ao império lusitano ...

A Fundação de Natal

### **Dúvidas Históricas: A Cidade do Natal**

Expulso o francês, construída uma fortaleza, faltava apenas fundar uma cidade. E esse era, dos três objetivos, provavelmente o mais fácil de ser executado. Acontece que, graças à destruição de documentos pelos holandeses, a história da fundação da capital potiguar se perdeu, talvez, para sempre. A luta dos historiadores norte-rio-grandenses para reconstruir tal acontecimento tem gerado uma grande controvérsia através dos tempos. As pesquisas começaram a dar bons frutos e a questão começa agora a ficar mais clara, com alguns problemas solucionados.

Ainda hoje se discute quem teria sido o fundador da Cidade do Natal. Os primeiros cronistas indicavam o nome de Jerônimo de Albuquerque, alegando que, por sua participação no processo de pacificação, com sua garra e valentia, teria sido o primeiro capitão-mor do Rio Grande e logo depois fundado Natal. A informação se baseava muito mais na intuição do que em qualquer base documental. É, portanto, compreensível que os primeiros historiadores se confundissem. Frei Vicente Salvador, por exemplo, narra o seguinte: "Feitas as pazes com os potiguares, como fica dito se começou logo a fazer uma povoação no Rio Grande a uma légua do forte, a que chamam a Cidade dos Reis, a qual governa também o capitão do forte que El Rei costuma mandar cada três anos".

Outro historiador, Francisco Adolfo Varnhagen, avança mais nas explicações se valendo de detalhes: "Feitas as pazes com os índios, passou Jerônimo de Albuquerque a fundar no próprio Rio Grande uma povoação. E como era para isso imprópria a porção do arrecife ilhada (em preamar) onde estava o forte, segundo ainda hoje se pode ver, escolheu para isso o primeiro chão elevado e firme, que se apresenta às margens direitas do rio, obra de meia légua acima de sua perigosa barra (...). A dita povoação, depois vila e cidade, de cujo nome não conseguiu fazer - se digna por seu correspondente crescimento, se chamou de Natal em virtude, sem dúvida, de se haver inaugurado o seu pelourinho ou a igreja matriz a 25 de dezembro desse ano da fundação (1599)".

Vicente de Salvador confundiu a "povoação dos Reis" com a futura capital do Rio Grande do Norte. Na realidade, durante a construção da fortaleza, Manuel Mascarenhas Homem mandou erguer algumas casas para abrigar os oficiais que participaram da tentativa de conquista. Com isso, surgiu uma povoação que se chamou de Santos Reis. Natal seria fundada, posteriormente, e não tinha nenhuma relação com a povoação que nasceu próxima daquele edifício militar...

Varnhagen vai mais além, descreve a evolução daquele núcleo urbano: "A dita povoação, depois vila e cidade". Essa afirmação, porém, não é sustentável. Natal como disse Câmara Cascudo, "nasceu cidade". Não há, desse modo, nenhuma relação com a primitiva povoação que floresceu nas proximidades da fortaleza. A razão é clara: Felipe III mandou que se fundasse uma cidade e não uma povoação... Natal surgiu no local onde floresceu a povoação. Natal nasceu cidade, porém, sem casas e sem ruas, aumentando a controvérsia.

A Capitania do Rio Grande possuía dois núcleos: uma povoação em decadência e uma cidade que, na prática, não existia... Mas aos poucos, com o passar do tempo, começava a surgir. Essa situação provocou muita confusão entre os autores, como demonstram as diversas denominações que Natal

recebeu: "Natal los Reys", "Cidade dos Reis", "Cidade do Natal do Rio Grande" e até o nome muito estranho de "Cidade de Santiago"...

## A Fundação de Natal **Afinal, quem fundou Natal?**

A primeira versão que contou no início com a quase unanimidade dos historiadores, inclusive dos pesquisadores da terra, era a que apontava Jerônimo de Albuquerque como fundador da Cidade do Natal. Essa teoria, que tem entre seus defensores ilustres nomes, como Vicente Lemos, Tavares de Lyra e Tarcísio Medeiros, em síntese seria a seguinte: Mascarenhas Homem nomeou Jerônimo de Albuquerque comandante da fortaleza e depois seguiu para a Bahia com a finalidade de prestar contas da missão que desempenhara, por determinação do governador-geral do Brasil. Veio a seguir a pacificação dos nativos e, em seguida, a fundação da cidade. Como Jerônimo se destacou no processo e era o capitão-mor da Capitania do Rio Grande, logo fora ele o fundador de Natal. Tavares de Lyra chega até a afirmar que "é de presumir". Portanto, não se tratava de fato e, sim, de uma possibilidade.

Com o avanço das pesquisas, ficou provado que Mascarenhas Homem não designou Jerônimo de Albuquerque para exercer a função de capitão-mor do Rio Grande e, o que é mais importante, Jerônimo não se encontrava presente na data da fundação da cidade e portanto não pode ser considerado como sendo seu fundador ...

Luís Fernandes (1932) defendeu ter sido Manuel Mascarenhas Homem o fundador da Cidade do Natal. Alegava que, construindo o primeiro edifício (a fortaleza) e ainda as casas que deram origem à povoação que se formou próxima à fortaleza, seria o verdadeiro padrinho da cidade. Argumentação falha, considerando que o novo centro urbano não possuía nenhuma relação com tudo o que existia anterior à data da sua fundação.

José Moreira Brandão Castelo Branco publicou em 1950, na revista Bando, o texto "Quem fundou Natal", onde defendia a tese de ser João Rodrigues Colaço o provável fundador da capital potiguar. Posteriormente, esse estudo foi publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 1960, provocando uma polêmica. Câmara Cascudo chegou inclusive a apoiar a teoria defendida por Castelo Branco (1955). Pouco tempo depois mudou de opinião, acreditando que o fundador da cidade teria sido outro: "Para mim, o padrinho da Cidade do Natal foi Mamuel de Mascarenhas Homem, capitão-mor de Pernambuco, comandante da expedição colonizadora:.. E argumenta: "Continuava tão interessado no cumprimento das reais determinações que fora à Paraíba, em junho desse 1599, assistiu à solenidade do contrato das pazes com os potiguares, ato possibilitador da criação da Cidade seis meses depois. Acontece que, nessa época, Mascarenhas Homem estava em Natal onde concedeu, a 9 de janeiro de 1600, data nesta fortaleza dos REIS MAGOS (...), a primeira sesmaria, à margem esquerda do rio, numa água a que chamam da Papuna, justamente ao capitão João Rodrigues Colaço, seu subalterno. Não abandonaria funções de governança se não tivesse deveres de suma importância, como satisfazer a última parte das instruções do rei, participando da fundação da cidade. Não outra explicação para a sua presença em Natal. Tinha sido encarregado da missão e deveria cumpri-la até o final".

Essa teoria se fundamenta nos seguintes pontos:

1 - A presença de Manuel Mascarenha em dois eventos:

- a) Solenidade da ratificação da paz com os nativos.
- b) Data da fundação da cidade.

2 - E, ainda, os seguintes argumentos:

a) Doou a primeira sesmaria no Rio Grande do Norte a João Rodrigues Colaço, ato administrativo que provaria que estava à frente do governo da capitania.

b) Mascarenhas Homem tinha como missão expulsar os franceses, construir uma fortaleza e fundar uma cidade. Deveria executar objetivos e, assim, teria para cumprir a última missão: a fundação de Natal.

Manuel Mascarenhas Homem prestigiou os eventos citados como representante do governador-geral do Brasil e foi representando D. Francisco de Souza que doou a sesmaria a colaço. É bom lembrar que, como comandante de uma expedição militar, ele não poderia doar sesmaria ...

Mascarenhas Homem construiu a fortaleza de madeira, lançando os fundamentos da fortaleza definitiva. Expulsou os franceses, mas não fundou a cidade do Natal porque em dezembro de 1599 já existia um governante, o capitão-mor João Rodrigues Colaço, habilitado legalmente para fundar a cidade e iniciar o processo de colonização...

Não se pode esquecer, também, que no documento da doação de capitão da fortaleza, D. Manuel Mascarenhas Homem disse claramente que "por mandato do dito Senhor vim conquistar este Rio Grande e fazer nele a fortaleza dos Reis Magos". Não afirma que veio fundar uma cidade e, no entanto, Natal já estava fundada! Chega-se a uma conclusão: Manuel Mascarenhas não fundou a Cidade do Natal. Falta examinar apenas a teoria que defender ter sido João Rodrigues Colaço o verdadeiro fundador.

Vicente Lemos foi o primeiro historiador a afirmar que João Rodrigues Colaço teria sido o homem que exerceu, pela primeira vez, a função de capitão-mor do Rio Grande, numa nota publicada na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Vol. 6, página 138: A conquista iniciada em princípios de 1598, e na qual tanto distinguiu-se Jerônimo de Albuquerque, remete no ano seguinte, e, ciente D. Francisco de Souza, governador-geral do Brasil, de bom êxito da empresa, nomeou capitão-mor do forte a João Rodrigues Colaço, o primeiro que realmente governou a capitania".

Depois, entretanto, Vicente de Lemos muda de opinião. No seu livro "Capitães Mores e Governadores do Rio Grande do Norte", declarou que Jerônimo de Albuquerque foi o fundador da Cidade do Natal.

Fonte: Tribuna do Norte [http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist\\_m\\_1b.htm](http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_m_1b.htm)

Foi o escritor José Moreira Castelo Branco quem procurou solucionar, de maneira definitiva, o problema da fundação de Natal. Com base numa exaustiva pesquisa, publicou um estudo intitulado "Quem Fundou Natal", onde provou que João Rodrigues Colaço foi de fato o primeiro capitão-mor do Rio Grande. Apresentou dois documentos, encontrados por Serafim Leite. Um deles é uma carta do provincial Pero Rodrigues, que registrava o trabalho de catequese realizado no Rio Grande pelos padres Francisco Pinto e Gaspar de Samperes, e diz ainda que "a tudo isso se achava presente o capitão da fortaleza, João Rodrigues Colaço".

Em seguida, Castelo Branco faz o seguinte comentário: "isto ocorria em março ou abril de 1599, porque a 19 deste último mês, já os ditos padres, a fim de satisfazerem uma exigência do príncipe Pau Seco, para melhor garantia e tornar a pacificação mais firme, partiam do forte do Rio Grande, em vista às aldeias dos potiguares, até chegar às de Capaoba, donde seguiram com destino à Paraíba".

O segundo documento, atribuído a Gaspar de Samperes, afirma o seguinte: "João Rodrigues Colaço, o primeiro capitão que foi daquela capitania".

Castelo Branco, apresentando essas provas, constatou ter sido Rodrigues Colaço o primeiro capitão-mor do Rio Grande e, ainda, através do documento em que dom Manuel Mascarenhas Homem deu sesmaria a João Rodrigues Colaço, se comprova que esse senhor governava a capitania em janeiro de 1600. Após examinar tudo isso, Castelo Branco conclui dizendo que "o primeiro capitão-mor do Rio Grande foi João Rodrigues Colaço, que governava no ano de 1599, devendo, por isso, ter sido o fundador da Cidade do Natal".

Como Castelo Branco não se posicionou de maneira categórica, usando, inclusive, a expressão "devendo, por isso, ter sido o fundador", não fechava a questão, deixando o problema em aberto. É que o autor não dispunha de nenhum documento oficial que confirmasse a sua teoria.

A importância do estudo de Castelo Branco, contudo, é muito grande. Elaborou uma tese, hoje vitoriosa. Abriu novas perspectivas, trazendo uma contribuição significativa e despertando a curiosidade de outros historiadores. A sua teoria, portanto, ficou no terreno das possibilidades, ou seja, uma abordagem perfeitamente válida.

Permitiu, por outro lado, que a versão que defendia sem dom Manuel Mascarenhas Homem o fundador da Cidade do Natal ganhasse novos adeptos: Hélio Galvão e Luís da Câmara Cascudo.

Tarcísio Medeiros divulgou, pela primeira vez, em fevereiro de 1973, o Alvará de Nomeação de João Rodrigues Colaço, em seu livro "Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte". Através desse alvará se constata o seguinte:

1 - João Rodrigues Colaço foi nomeado capitão da Fortaleza, pelo governador geral do Brasil, dom Francisco de Souza, confirmado, posteriormente, pela metrópole.

2 - Não houve, portanto, interrupção, desde a data de nomeação, pelo governador geral do Brasil, dom Francisco de Souza, até a designação real, através do alvará de 18 de janeiro de 1600.

Esse alvará era, justamente, o documento oficial que Castelo Branco reclamava e que, infelizmente, não chegou a conhecer.

O historiador Olavo de Medeiros Filho, em seu livro "Terra Natalense", afirmou o seguinte: "Quando à transmissão do comando da fortaleza a Jerônimo de Albuquerque, referida por frei Vicente, não há respaldo documental. Conforme se verifica, através da leitura da Relação de Ambrósio de Siqueira, de 24 de junho de 1598 até 5 de julho de 1603, houve a presença de um capitão-mor da fortaleza e da Capitania do Rio Grande, de João Rodrigues Colaço, o qual foi provido pelo governador geral do Brasil, dom Francisco de Souza".

Essa informação é importante porque deixa claro que João Rodrigues Colaço recebeu o comando da fortaleza após a sua conclusão e não posteriormente, como se dizia no passado.

Jerônimo de Albuquerque, portanto, não foi designado capitão da fortaleza por Mascarenhas Homem no dia 24 de junho de 1598.

É possível também concluir que João Rodrigues Colaço foi, inicialmente, designado para responder pelo comando da fortaleza, por Mascarenhas Homem, e somente depois foi nomeado capitão-mor da Capitania do Rio Grande, pelo governador geral do Brasil, e, finalmente, confirmado nessa função, pelo governo metropolitano.

Examinando os documentos encontrados pelo padre Serafim Leite e publicados no livro "História da Companhia de Jesus no Brasil"; a "Carta de Doação de Sesmarias a João Rodrigues Colaço", publicada pela revista do Instituto Histórico e Geográfico no Rio Grande do Norte; a "Relação de Ambrósio de Siqueira", transcrita em parte - um pequeno trecho - por Olavo de Medeiros Filho, em "Terra Natalenses"; o Alvará de Nomeação de João Rodrigues Colaço, divulgado por Tarcísio Medeiros em "Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte" e, ainda, "Quem Fundou Natal", de Castelo Branco, fica claro o seguinte" João Rodrigues Colaço foi nomeado capitão da fortaleza por dom Francisco de Souza, sendo o primeiro a exercer tal função no Rio Grande, e como continuava governando a capitania, em janeiro de 1600, foi ele, JOÃO RODRIGUES COLAÇO QUEM FUNDOU A CIDADE DO NATAL, NO DIA 25 DE DEZEMBRO DE 1599.

#### **Capitania do Rio Grande**

### **A Nobre Sobriedade de João Rodrigues Colaço**

Era militar. Casado com dona Beatriz de Menezes, filha de Henrique Muniz Teles.

Falando sobre o caráter e a personalidade de Colaço, disse Hélio Galvão: "a nobre sobriedade de suas respostas sobre alguns temas, revela um homem de caráter marcado, de personalidade alheia a condicionamentos eventuais".

Olavo de Medeiros Filho informa que "no período de 15 de agosto de 1595 a 15 de março de 1596, era capitão de uma companhia transferida do Recife para a Bahia. A referida companhia, àquela data, retornou a Pernambuco.

Um fato que ninguém pode negar é que João Rodrigues Colaço pode ser considerado um dos primeiros provedores do Rio Grande, nascido na Europa. Por essa razão é que requereu ao representante do governador geral do Brasil, Manuel Mascarenhas Homem, uma sesmaria, com 2.600 braças, onde possuía inclusive roçados. Tinha, também, escravos da Guiné.

Colaço assumiu o cargo de capitão da fortaleza no dia 24 de junho de 1598, como comprova a "Relação de Ambrósio Siqueira".

Olavo de Medeiros Filho afirma que no "período de 26 de novembro de 1601 a 6 de março de 1602, nenhuma data e sesmaria foi concedida pelo governo de Rodrigues Colaço". Segundo esse autor, provavelmente, nessa época, teria acontecido um conflito entre portugueses e nativos, descrito por Anthony Knivet. O episódio teria acontecido da seguinte maneira: os potiguares, em grande número, cercaram a Cidade do Natal. Aprisionaram e mataram muitos homens. Mascarenhas Homem, ao tomar conhecimento do fato, partiu de Pernambuco e surpreendeu o inimigo que se encontrava, naquele instante, devorando os prisioneiros mortos. Estavam ébrios. E sem a menor condição para reagir. Foram, então, massacrados. Muitos morreram, sendo assassinados a pancadas! O saldo da chacina: cinco mil mortos! O chefe Pirajuva (Barnatana de um Peixe) solicitou e obteve de Manuel Mascarenhas Homem, a paz.

João Rodrigues Colaço, possivelmente, se encontrava ausente da capitania. Não há registro de nenhum envolvimento de Colaço no acontecimento, antes ou depois do ocorrido.

Frei Vicente do Salvador narra, na sua História do Brasil, um fato interessante, que teria se passado durante o governo de João Rodrigues Colaço: o bispo de Leiria condenou um homem a passar três anos no Brasil, "onde tornará rico e honrado". O degredado se casou com uma mulher portuguesa e reuniu uma pequena fortuna. E, ainda, desfrutava da amizade de Colaço e de sua esposa.

Não se sabe, até o momento, de outro feito de João Rodrigues Colaço, a não ser a fundação da Cidade do Natal. Depois de ter concluído o seu governo, voltou para Portugal. Não se tem outras notícias da sua presença no Brasil. Não se sabe, também, onde e quando morreu. Mas a falta de maiores dados sobre a vida de Colaço não justifica, de maneira alguma, a retirada do único momento de glória que ele viveu: ser o verdadeiro fundador da Cidade do Natal.

No momento em que Natal se prepara para comemorar os quatrocentos anos de sua existência, ninguém pode deixar de fazer justiça ao seu humilde, desconhecido, porém, verdadeiro fundador.

#### **Capitania do Rio Grande**

### **Uma Cidade sem Pressa de Crescer**

No início não houve uma preocupação voltada para a construção de prédios públicos. A fortaleza era suficiente. Outro edifício, cuja construção foi iniciada na época da fundação da cidade, foi o da matriz.

Durante o processo de conquista e de pacificação, a capitania conheceu apenas duas atividades: a dos soldados, construindo a fortaleza e lutando contra os nativos; e a segunda, marcada pela atuação dos missionários, ajudando enfermos e buscando a conciliação com os potiguares.

Entre outros, se destacaram os seguintes religiosos: Francisco das Neves Pinto. Os primeiros atos missionários foram realizados dentro da própria fortaleza.

Pedro Moura registra a construção de uma igreja, por Martim Soares Moreno, sob a proteção de Nossa Senhora do Patrocínio. Colheu tal informação em Miliet, por sinal, o único cronista a falar sobre aquele edifício.

Em 1598, Natal já era freguesia e o seu primeiro vigário, padre Gaspar Gonçalves da Rocha. Olavo de Medeiros Filho transcreveu, em "Terra Natalense", o seguinte texto de frei Agostinho de Santa Maria: "foi levantada uma paróquia que se dedicou à Rainha dos Anjos, Maria Santíssima, com o título de Apresentação, quando seus santíssimos pais, Joaquim e Ana, a foram oferecer no Templo, sendo de idade de três anos. Na capela-mor se colocou, depois, um grande e formoso quadro de pintura, em que se vê o mesmo mistério da Senhora historiada".

O primeiro documento que registra a matriz, em Natal, data de 1614, quando diz que a igreja não tinha portas. A igreja matriz teria sido concluída em 1619. Foi, entretanto, destruída pelos holandeses.

As datas concedidas no Rio Grande, como disse Olavo de Medeiros Filho, "no período de 1600 a 1614, acham-se discriminadas no "Traslado do Auto da Repartição das Terras da Capitania".

A cidade não crescia, "andava", ou seja, se arrastava lentamente, rumo ao futuro. Conta Luís da Câmara Cascudo que "os trinta e quatro anos de cidade, 1599 - 1633, foram lentos, difíceis e paupérrimos. Interessava ao rei o forte, a situação territorial. Raríssimas mulheres brancas. Cidade apenas no nome".

Havia, entretanto, uma coisa positiva. A pescaria que, segundo as testemunhas da época, era da melhor qualidade. Abastecia a população local e exportava para os Estados vizinhos, Paraíba e Pernambuco.

A maneira de viver da população, naquela época, foi descrita por Câmara Cascudo: "os moradores viviam espalhados nos sítios ao redor, plantando roças, caçando, colhendo frutos nos tabuleiros, pouca criação de gado que se desenvolveria vertiginosamente a ponto de ter 20.000 cabeças em 1633, e as pescarias, de anzol, rede e curral. Havia o sal, colhido nas marinhas do outro lado do rio, Igapó, Aldeia Velha, antigas malocas dos potiguares. O peixe salgado e seco foi um dos produtos mais rapidamente divulgado, com mercados abundantes e fáceis".

Era, de fato, um lento caminhar. A cidade não tinha pressa em crescer. Para complicar, dentro em breve deveria de passar por sua fase mais difícil: o período de invasão holandesa, quando teve prédios e documentos destruídos, retardando, mais ainda, o seu desenvolvimento.

#### **Domínio Holandês**

### **De João R. Colaço à Invasão Holandesa**

Esta é uma fase das mais obscuras da História do Rio Grande do Norte, por uma razão muito simples: "nos arquivos do Estado não se encontrava nenhum documento anterior à conquista holandesa. Nesse período, que se estende 1633 a 1654, foram todos destruídos", como narra Tavares de Lyra.

Fica difícil inclusive de se estabelecer a data da posse de alguns governantes. Atualmente foi desfeita a dúvida sobre quem teria sido o primeiro capitão-mor do Rio Grande do Norte: João Rodrigues Colaço, fundador da Cidade do Natal.

A primeira casa que serviu de sede da administração da capitania foi a Fortaleza da Barra do Rio Grande ou, como é mais conhecida, Fortaleza dos Reis Magos. Falando sobre esse fato, disse Luís da Câmara Cascudo: "era a residência do capitão-mor, sendo administrativa, comando militar, quartel e refúgio dos raros moradores. Os soldados moravam dentro do forte e qualquer comoção geral levava os colonos, às carreiras, para as muralhas imponentes que garantiam o avanço no setentrião do Brasil".

Foi nessa fortaleza que moraram e governaram a Capitania do Rio Grande, os capitães-mores, até a invasão holandesa.

Alguns historiadores elaboram listas, procurando estabelecer, por ordem cronológica, os sucessores de João Rodrigues Colaço.

Vicente Lemos escreveu um clássico sobre o assunto: "Capitães-Mores e Governadores do Rio Grande do Norte". Acontece, entretanto, que permaneceram algumas dúvidas.

Varnhagen, Tavares de Lyra, Vicente Lemos e Câmara Cascudo classificam como sendo os primeiros governantes da Capitania do Rio Grande: Manuel Mascarenhas Homem (comandante da expedição que tentaria a conquista), Jerônimo de Albuquerque, João Rodrigues Colaço e novamente Jerônimo de Albuquerque. Equívoco que, felizmente, já foi devidamente esclarecido: o primeiro capitão-mor do Rio Grande do Norte foi Colaço. Manuel Mascarenhas Homem não governou o Rio Grande, apenas foi o capitão da conquista que, por sinal, não houve, porque a posse foi efetivada através de um processo de pacificação...

A lista dos governantes do Rio Grande do Norte começa, portanto, com João Rodrigues Colaço, sendo que Jerônimo de Albuquerque governou apenas uma só vez!

Os sucessores desses dois foram os seguintes: Lourenço Peixoto Cirne, Francisco Caldeira de Castelo Branco, Estevão Soares de Albergaria, Ambrósio Machado de Carvalho. Como sucessor desse último, era apontado, por alguns, Bernardo da Mota. Hoje, o equívoco foi corrigido: o sucessor de Ambrósio Machado de Carvalho foi, na realidade, André Pereira Temudo, que foi nomeado a 18 de março de 1621.

Tavares de Lyra pergunta: "Quem substituiu Francisco Gomes de Melo?", para depois, com base no que escreveu Domingos da Veira, ele mesmo responder: "a ordem de sucessão foi esta: Francisco Gomes de Melo, Bernardo da Mota, Porto Carreiro".

Câmara Cascudo, escrevendo em 1961, confirma Tavares de Lyra. Depois de Francisco Gomes de Melo, os sucessores foram: Bernardo da Mota e Cipriano Porto Carreiro.

Quando os holandeses atacaram o Rio Grande, Pero Mendes de Gouveia governa a capitania.

#### **Domínio Holandês**

### **Os Holandeses no Brasil: A Bahia**

A primeira tentativa de implantar uma colônia no Brasil, pelos neerlandeses, foi na Bahia. Os armadores holandeses conheciam o Brasil, mantendo relações amistosas com os portugueses, durante os reinados de João III, D. Sebastião e o cardeal D. Henrique. Com a anexação de Portugal e suas colônias pela Espanha, a situação mudou. Felipe IV, inimigo dos Países Baixos, determinou "o confisco dos navios flamengos que estivessem nos portos de seus novos domínios, europeus, africanos, asiáticos e americanos".

Fugitivos da Bahia contaram na Holanda como seria fácil conquistar Salvador, devido à precariedade do sistema montado para defender a colônia. Um deles, Francisco Duches, chegou a participar do ataque que resultou na capitulação da Bahia, em 1625. Guilherme Usselinx, porém, foi quem "propôs e defendeu a idéia da formação de uma nova companhia, semelhante à Oriental, que na Índia havia adquirido tantos lucros e vantagens", como disse Varnhagen.

O sonho de dominar o Brasil era antigo, porém, como desfrutavam de lucros com a participação no comércio, durante o governo português deixaram de lado tal idéia. Agora, a situação era diferente. Os espanhóis se apresentavam como inimigos. Deviam, portanto, aproveitar a oportunidade para se apossarem do Brasil foi a criação da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, pela Carta Patente de 3 de junho de 1621.

A companhia decidiu atacar a Bahia, mas precisamente Salvador, capital da colônia, que, segundo eles, arrecadava 8.000 florins anuais....

E, como narra Varnhagen, "equipou-se uma grande armada de que foi nomeado almirante Jacob Willekens, vice-almirante o bravo e venturoso Pieter Pieterzoon Heyn, e comandante das tropas e governador das futuras conquistas Johan Van Dorth. Consistia a expedição de vinte e três iates, armados com quinhentos e nove bocas de fogo, tripulados de mil e seiscentos marinheiros e guarnecidos de mil e setecentos homens de desembarque".

A notícia de que a Holanda iria atacar a Bahia chegou ao Brasil. O governador geral, Diogo de Mendonça Furtado, procurou tomar todas as providências, porém, encontrou dificuldades, até mesmo má vontade, como era o caso do bispo D. Marcos Teixeira.

A 8 de maio de 1624 os holandeses chegaram a Salvador e, após dois dias de luta, dominavam a cidade. Preso Diogo de Mendonça Furtado, Johan Van Dorth passou a governar. Os batavos, contudo, não foram felizes. O povo que havia abandonado a cidade, passado o susto, procurou reagir, crescendo a figura de D. Marcos Teixeira, apesar de sua idade bastante avançada. Esgotado, não suportou as vicissitudes e veio a falecer.



Os holandeses, entretanto, tiveram também suas baixas. Cedo perderam o cel. Van Dorth. O seu substituto, Albert Schenteu, também morreu, sendo sucessor Wielen Schauten. Matias de Albuquerque, em Pernambuco, assumiu o governo da colônia e enviou para a Bahia um reforço, sob o comando de Francisco Nunes Marinho.

A metrópole mandou uma esquadra, chefiada por D. Francisco de Moura. A armada, depois de passar por Pernambuco, foi para a Bahia, onde realizou o cerco de Salvador. Era preciso, contudo, muito mais.

Filipe II, diante da repercussão negativa pela grande derrota, cuja conseqüência foi a perda da Bahia, resolveu tomar uma decisão mais firme e, então, enviou ao Brasil a maior expedição militar que atingiu o continente americano até aquele momento, com mais de 12.000 homens e 70 navios, ficando conhecida na História como "Jornada dos Vassalos". D. Fadrique de Toledo Osório assumiu o comando. Da expedição participaram não somente militares das duas nacionalidades, Espanha e Portugal, como figuras ilustres.

No dia 22 de março de 1625, a armada atingiu a Bahia e a 01 de maio Salvador estava libertada.

Os holandeses, contudo, não desistiram de se apossar definitivamente do Brasil.

#### **Domínio Holandês**

### **Os Holandeses no Brasil: O Nordeste**

A Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais resolveu fazer nova investida contra a colônia luso-espanhola. O alvo, agora, seria Pernambuco, com mais de 130 engenhos, cuja safra ultrapassava as mil toneladas, fazendo de Pernambuco "a principal e mais rica região produtora de açúcar do mundo". No aspecto militar, o Nordeste brasileiro estava desguarnecido e, assim, não tinha condições de resistir a um ataque de uma grande esquadra.

A notícia sobre uma nova invasão holandesa ao Brasil se espalhava, rápida, pela Europa. Matias de Albuquerque, que se encontrava em Madri, foi nomeado "Governador e Comandante Supremo do Nordeste". O governador geral Diogo Luís de Oliveira recebeu instruções da metrópole para reforçar e melhorar o sistema de defesa da Bahia e Pernambuco.

Matias de Albuquerque partiu para o Nordeste brasileiro com poucos soldados, um reforço verdadeiramente ridículo diante da grande ameaça. Ao chegar em Pernambuco constatou que, para fazer frente aos holandeses, contava apenas com tropas que, na sua maioria, eram integradas por homens inexperientes... Não precisava, portanto, ser vidente ou estrategista militar para prever que, em caso de uma invasão em grande escala, haveria de se repetir exatamente o que aconteceu em Salvador.

No dia 15 de fevereiro de 1630, uma poderosa esquadra holandesa, com mais de 50 navios e 7.000 homens, sob a chefia de Hendrick Cornelizon Loncg, atacou Recife com toda sua força. Resistência heróica, porém, ineficaz e, assim, a 3 de março, caíram Olinda e Recife. Mas Matias de Albuquerque não desistiu e, adotando a tática de guerrilha, concentrou suas forças no Arraial do Bom Jesus. Os colonos levaram uma grande vantagem: conheciam a terra e atiravam desse fator o máximo que podiam, impedindo, ou melhor, retardando a vitória dos flamengos.

A 20 de abril de 1632 ocorre um fato que vai mudar o destino da guerra: a deserção, para o lado dos invasores, de Domingo Fernandes Calabar. Profundo conhecedor da região, passou a fornecer as informações que os neerlandeses precisavam e, dentro em breve, ampliaram o seu domínio, destruindo inclusive o Arraial do Bom Jesus.

A guerra trazia enormes prejuízos. A Companhia das Índias Ocidentais resolveu enviar o conde Jos'r Maurício de Nassau Siegen, com amplos poderes para pacificar a população e promover o desenvolvimento da colônia, para enfim adquirir os tão sonhados lucros. Começava outra fase da dominação holandesa.

O conde de Nassau veio com o título de "Governador Capitão General e Almirante de Terra e Mar". Vinha, portanto, para administrar e consolidar a conquista. Chegou no dia 23 de janeiro de 1637 no Recife. E se apaixonou pelo País dos mais belos do mundo.

O conde de Nassau era, no dizer de Jânio Quadros, uma "figura do renascimento, amigo e protetor de letrados e artistas e comprazendo-se na sua companhia, seria ainda um administrador capaz, culto, enérgico e generoso".

Nassau, apesar de ter feito uma grande administração, contudo, não se encontra isento de críticas. Hélio Viana apresentou, de maneira objetiva, o outro lado da personalidade do governante holandês: "interesseiramente protegeu os judeus, que para isso pagavam-lhe uma contribuição, a ponto de suscitar reclamações. E teve motivos inconfessáveis para amparar os calvinistas, pois uma de suas amantes no Brasil foi exatamente a filha do respectivo pastor. Quanto aos católicos, se por interesse político durante algum tempo permitiu seu culto, não tardou a persegui-los, expulsando do território ocupado".

Trouxe consigo artistas, (Frans Jasz Post) e cientistas (Jorge Marograv e Wielen Piso), ganhando fama de mecenas.

Entre seus feitos podem ser citados os seguintes: apoio os senhores de engenho, tomando medidas que asseguravam uma melhor produção de açúcar; reformulou a administração pública; procurou acalmar os ânimos dos portugueses; proibiu que se cobrasse juros de 18% ao ano, além de promover diversão para o povo.

Na área militar, realizou algumas conquistas (Alagoas, Ceará, Sergipe), porém sofreu um grande revés na Bahia. O governo espanhol, satisfeito com essa grande vitória, resolveu premiar os que nela se destacaram; Bagnuolo foi feito príncipe de Nápoles, a D. Antônio Felipe Camarão foi entregue uma comenda, a dos Moinhos de Soure etc.

A derrota de Nassau despertou Madri que organizou uma grande esquadra, sob o comando do Conde da Torre, D. Fernando Mascarenhas, para socorrer a colônia.

No dia 12 de janeiro de 1640, ocorreu o primeiro combate entre a esquadra do Conde da Torre e a holandesa, comandada pelo almirante Corweliszoon Loos e, após alguns combates - sem que houvesse uma batalha decisiva -, o Conde da Torre desembarcou em Touros, Rio Grande do Norte, mais de mil

homens "sob comando do Mestre de Campo Luís Barbalho Bezerra, destemido cabo de guerra que iria agora - numa travessia de centenas de léguas, em busca da Bahia, por trilhas desconhecidas, em território ocupado por conquistadores desalmados e bárbaras gentes, sem recurso de qualquer natureza, forçado pela necessidade e estimulado pelo patriotismo a escrever uma das páginas mais gloriosas da história da luta com os invasores", segundo conta Tavares de Lyra.

Na altura do Potengi, Gartsmanm combate os comandados de Luís Barbalho Bezerra. É derrotado e preso sendo levado como prisioneiro para a Bahia.

Informa Tavares de Lyra: "A 15 de fevereiro de 1641, chega a notícia da restauração de Portugal". Com D. João IV assumindo o trono de Portugal, estava desfeita a "União Peninsular"...

Em 1642, Portugal assinou uma trégua com a Holanda. A 18 de abril desse ano, Nassau foi notificado que deveria voltar à Europa em 1643. Recebeu muitas homenagens, partindo somente em 1644.

#### **Domínio Holandês**

### **A Insurreição Pernambucana**

Alguns colonos estava descontentes com o domínio holandês, ainda na administração de Nassau. Devido ao regime, muito duro, imposto pela Companhia das Índias Ocidentais. Por outro lado, após a trégua com a Holanda, Portugal almejava a devolução de suas colônias, porém, a Holanda não concordava. Gerando, assim, um clima de hostilidade entre os dois impérios. Diante do impasse, o governo português começou, secretamente, a fomentar a revolta nas terras ocupadas.

Em 1642, André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira já confabulavam, animados com a restauração do Maranhão. Não estavam sozinhos. O governador geral Antônio Teles da Silva enviou em 1644, experientes militares, liderados por Antônio Dias Cardoso, para Pernambuco, para que atuassem como instrutores. Ainda nesse ano, André Negreiros e João Fernandes, juntos elaboravam um plano para iniciar a reação contra os holandeses, tudo feito secretamente porque a trégua entre Holanda e Portugal não permitia se agisse às claras. Dentro desse contexto, em 1644, Henrique Dias e seu batalhão negro seguiam da Bahia para Pernambuco, como se estivessem fugindo. E, logo depois, D. Antônio Felipe Camarão, com seus nativos, segue o mesmo rumo, oficialmente perseguindo os fugitivos ...

Em 15 de maio de 1645, João Fernandes Vieira e Antônio Cavalcanti, na várzea de Capibaribe. Assumiam um compromisso para lutar "em nome da liberdade divina". Pouco dias depois, ou seja, 23 de maio, os dois juntamente com outras personalidade (16), assinavam um documento onde demonstravam sua disposição de lutar pela "restauração de nossa pátria".

A insurreição começou no dia 3 de junho de 1645, na várzea do Capibaribe. Em agosto, os comandados de João Fernandes Vieira ultrapassavam mil homens!

Entre as batalhas que obtiveram maior significação podem ser apontadas: a de Tabocas, em 1645, quando os revoltosos venceram os batavos do coronel Hans e do capitão Blauer. E as duas batalhas de Guararapes. A primeira, em 19 de abril de 1648, com os revoltosos sendo chefiados pelo mestre-de-campo general Francisco Barreto e, ainda, as tropas de André Vidal, de Henrique Dias, de Antônio Felipe Camarão e de Vieira. Os holandeses tinham no tenente-general Sigismundo von Schoppe seu principal líder. A vitória sorriu para os coloniais. A segunda, que se realizou em 18 de fevereiro de 1649, foi mais uma derrota dos neerlandeses. Era, praticamente, o fim do domínio holandês no Brasil.

A Holanda passava por uma crise, estando envolvida na "Guerra de Navegação" contra os ingleses, forçando desviar a atenção e recursos que seriam destinados ao Brasil. A Inglaterra, interessada na destruição de sua rival, passou a ajudar a colônia portuguesa em sua luta contra os batavos. Através do "Ato de Navegação", de Cromwell, ficaram os holandeses sem liberdade de ação no mar, onde até aí haviam gozado de inegável supremacia', como disse Hélio Vianna.

A expulsão dos holandeses foi, sobretudo, uma grande vitória dos portugueses, mestiços e, também, uma bela participação de negros e nativos. Fez nascer, ou pelo menos reforçou, o sentimento nativista, nacionalista. Demonstrou toda a força de um novo tipo que estava nascendo: o brasileiro, e lançava as bases de uma futura nação independente: o Brasil.

#### **Domínio Holandês**

### **A Preparação Para Conquistar o RN**

A Fortaleza da Barra do Rio Grande, pela sua beleza, impunha respeito. Os holandeses sabiam da importância de cunho estratégico daquele edifício militar. Possuíam, ao mesmo tempo, um certo temor. Começar, então, a recolher o maior número de informações para elaborar um plano eficaz para capturá-la.

A 19 de julho de 1625, o capitão Uzel Johannes de Laet fez um reconhecimento, encontrando no Rio Grande um engenho e muito gado.

Em 1630, Adriano Verbo vinha com a "missão especial de ver, ouvir e cantar", como resumiu Câmara Cascudo. Mesmo com essas informações, os flamengos não se arriscaram a armar uma esquadra e tentar se apossar da fortaleza.

No outro ano, o nativo Marcial, fugitivo dos portugueses, se apresentou ao Conselho Político do Brasil Holandês. Objetivo: realizar uma aliança com os batavos. Fornecendo, naturalmente, preciosos dados aos flamengos. O Conselho Político, contudo, foi prudente... Enviou Elbert Simient e Joost Closte ao Rio Grande, em 1631, para adquirir maior conhecimento da região.

Foi nessa expedição que os batavos conseguiram, por sua sorte, importante dados que se encontravam em poder dos portugueses e que facilitaram, posteriormente, a conquista do Ceará. Os documentos se encontravam com um português chamado João Pereira, que foi morto.

Fonte: Tribuna do Norte [http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist\\_m\\_1b.htm](http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_m_1b.htm)

Antes da "descoberta" de Natal pelos portugueses, havia nesta cidade caravanas de corsários fazendo contrabando, principalmente de pau-brasil e muitas outras madeiras, além de pássaros silvestres e de até mesmo de tabaco. Para tanto os corsários, na totalidade, franceses firmaram um acordo com o povo índio recebendo o que queriam em troca, presentes como espelhos, tintas além de outros objetos sem valor. Para os indígenas, aqueles "presentes" eram coisa de suma importância para eles. Para os franceses, não valia nada.

Dentre os corsários que por esses lados estiveram, estava Jacques Riffault que, com o passar do tempo o local onde ele ancorava a sua nau passou a ser chamado de Refoles ou mesmo Rifoles. Esse homem negociou madeiras, como o pau brasil, que existia em abundância na margem esquerda do rio Potengi e, principalmente pelo lado direito onde havia a chamada Mata Atlântica. Os corsários levaram madeiras daqui, do Rio Grande do Norte até ao Rio de Janeiro. Jacques Riffault foi um deles. Em termos de expansão marítima, os franceses, mesmo perdendo a corrida, buscaram terras sem colonização para poder explorar.

O Tratado de Tordesilhas, assinado por Portugal e Espanha, não era respeitado pela França. Os corsários recebiam apoio do governo francês, com financiamento, para explorar as riquezas das Américas. É tanto que Jacques Riffault, depois de Natal foi para São Luis, no Maranhão. Em Natal, a boa amizade que Riffault tratava com os índios, dava-se à falta de colonização efetiva do território. É tanto que a denominação Riffault perdura até hoje sendo que se chama então de Refoles, onde está, nos dias atuais, a Base Naval de Natal.

E com os contatos entre europeus e potiguares surgiu, então, a miscigenação da raça potiguar bem a de outros lugares por onde os europeus passaram. Eram europeus da Normandia e da Bretanha que andavam em íntima promiscuidade com grupos indígenas, de modo especial, as mulheres índias. Um mapa francês datado de 1579 identifica a terra do Rio Grande do Norte. Nele, se identifica acidentes geográficos, das tribos e de produtos econômicos. Desse modo, fica provado que os franceses tinham maiores conhecimentos dessa terra que os próprios portugueses. Porém, só no final do século XVI os portugueses se armaram e expulsaram os franceses de Natal que nem tinha ainda esse nome. O nome de Natal só veio com a sua "descoberta", em 25 de dezembro de 1599 que, por coincidência, o território foi tomado e sendo o dia 25 de dezembro um Natal, o que estaria por a cidade também seria Natal, em homenagem ao nascimento de Jesus.

Dai por diante, os portugueses iniciaram a construção do Forte que levou o nome dos Três Reis Magos. Com a retomada do Rio Grande, que já se fazia até no interior do Estado, Portugal passou a também perseguir os franceses do território do Maranhão.


Fonte: Alderico Leandro - Postado por Manoel de Oliveira Cavalcanti Neto = <http://nataldeontem.blogspot.com/search?q=Forte+do+Reis+Magos>

## Notas



- # **João Rodrigues Colaço** - Capitão-mor, nomeado por alvará de 18 de janeiro de 1600 (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Chancelaria de D. Filipe II, L. 8, fl. 297), cf. Parte II, infra, 8, a.
- # **Em 1600** - João Rodrigues Colaço. em abril ou mesmo antes, estava como **Capitão-mor**. Recebeu a primeira sesmaria, dada por Mascarenhas Homem na cidade do Natal a 6 de janeiro de 1600. Desta forma, presidiu a cerimônia da fundação da Cidade em 25 de dezembro de 1599. Governou até meados de 1603. Em 8 de agosto desse ano governava seu sucessor.
- # **Governo de Mem de Sá** (1558-1572). Foi no governo de Mem de Sá que os franceses foram expulsos do Rio de Janeiro. Os 14 anos de governo foram marcados por fatos importantes, como a dissolução da Confederação dos Tamoios (união de tribos inimigas dos portugueses) por interferência direta de Nóbrega e Anchieta e a fundação da segunda cidade brasileira, São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1565. Estácio de Sá, fundador da cidade e sobrinho do governador, liderou a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Formaram-se, também nessa época, as primeiras missões jesuítas. Mem de Sá governou até 1572, ano de sua morte. Dom Luís de Vasconcelos, que havia sido enviado em 1570 para ser o quarto governador, morreu durante a viagem para o Brasil, quando seu navio foi atacado por piratas franceses.

## Fatos históricos correspondentes ao período de governo João Rodrigues Colaço


1600

- 1600  Criação da Companhia das Índias Orientais pela Inglaterra
- 1600 PB** De 1600 a 1603 - **Francisco de Sousa Pereira** - Governante da Capitania da Paraíba. Administrador português, quinto governador da capitania da Paraíba.
- 1600 RN** 9 de Janeiro: **João Rodrigues Colaço** recebe a primeira Sesmaria, no Rio Grande do Norte.
- 1600 RN** 18 de Janeiro: **João Rodrigues Colaço** é nomeado 3º Capitão da Fortaleza dos Reis Magos, de Natal.
- 1600 RN** 14 de agosto: **João Rodrigues Colaço** concede aos Padres da Cia. de Jesus a 1ª data de terras, no sítio da cidade do Natal.



1601

- 1601  Bandeira de André Leão
- 1601 RN** 24 de abril: O Padre Gaspar Gonçalves da Rocha, que foi o 1º Vigário de Natal, obtém uma data de terras.
- 1601  31 de dezembro: Lei abole a escravidão indígena.

1602

- 1602  Governo interino de Álvaro de Carvalho
- 1602 AM** Holandeses chegam ao Amazonas

1603

- 1603  Expedição de Pero Coelho de Sousa
- 1603  Ordenações Filipinas são publicadas
- 1603 RN** 9 de Janeiro: **Jerônimo de Albuquerque** volta a governar o Rio Grande do Norte.
- 1603 PB** **André de Albuquerque**, administrador colonial português, sucedeu **Francisco de Souza Pereira**, governou a Capitania da Paraíba, (*segundo mandato*) de 1603-1605. Filho de Jerônimo de Albuquerque e da índia Maria do Espírito Santo Arco Verde. Terceiro e o sexto dos governadores da capitania da Paraíba. Foi vereador da câmara de Olinda e alcaide-mor de Igarapé, antes de ser governador pela primeira vez de 1591-1592 e pela segunda vez de 1603-1605.

## Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil**, 5ª edição, revista, prefaciada e anotada por José Honório Rodrigues. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

- CASCUDO, Luís da Câmara, **História do Rio Grande do Norte**, 1ª edição. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação-MEC, 1955. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto / Ed. Achiamé, 1984.
- BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974. 418 p. il.
- BARRETO, Aníbal (Cel.). **Fortificações no Brasil (Resumo Histórico)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958. 368 p.
- GALVÃO, Hélio. **História da Fortaleza da Barra do Rio Grande**. Rio de Janeiro: MEC/Conselho Federal de Cultura, 1979.
- GARRIDO, Carlos Miguez. **Fortificações do Brasil**. Separata do Vol. III dos Subsídios para a História Marítima do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940.
- LE MOS, Vicente Simões Pereira de, e MEDEIROS, Tarcísio. **Capitães-mores e Governadores do Rio Grande do Norte**, Vol. 2. Edição do IHGRN - Conselho Federal de Cultura - Ministério da Educação e Cultura. Natal: CERN, 1980
- MEDEIROS Filho, Olavo de. **No Rastro dos Flamengos**. Natal: Fundação José Augusto, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Terra Natalense**. Natal: Fundação José Augusto, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O Engenho Cunhaú à Luz de Um Inventário**. Natal: Fundação José Augusto, 1993.
- MEDEIROS, Tarcísio. **Proto-história do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto/Presença Edições, 1985.
- MOURA, Pedro Rebouças de. **Fatos da História do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto/CERN, 1986.
- SOUSA, Augusto Fausto de. **Fortificações no Brasil**. RIHGB. Rio de Janeiro: Tomo XLVIII, Parte II, 1885. p. 5-140.
- SOUSA, Oswaldo Câmara de. **Acervo do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1981.
- 

## Observação

Solicitamos aos eventuais leitores que, caso disponham de outras informações que possam enriquecer este verbete, favor encaminhá-las à Fundação José Augusto através do seu Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine-CEPEJUL, situado na Rua Jundiá, 641, Tirol, CEP 59020-120, ou, pelo E-mail [fjacepejul@rn.gov.br](mailto:fjacepejul@rn.gov.br)

---

